

7<sup>o</sup> Número

INTEGRALMENTE CORTADOS

4 artigos :

NOTAS PARA UMA MORAL DO MEDO - - - -

- - - António Almeida Baptista

O DESPREZO PELO CORPO E ALGUMAS

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS - - - JOSE ESTEVES

DANILLO DOLCI - - - ALBERTO NAS-

ZIMENTO REGUEIRA

DÚVIDAS AMENAS SOBRE DESENVOL-

VIMENTO ECONÓMICO - - - MARIO MURTEIRA

3 Antologias

Textos de Danillo Dolci

"A Era dos Continentes" de Gilles

Martinet

"O Exército e a Refugiados de J.

M. Domenech.

1 Crónica

Paulo VI o Povo de Espirance  
de Manuel Martins

6 nota de NOTICIÁRIO

CRITICA

PRA FRENTE PORTUGUESES  
de Jorge Sampaio

Apulino Vivo, Apulino Morto  
de Fernando Gomes

O MÉDICO E O MONSTRO  
— — Nuno de Bragança

FRANCISCO POLIDO VALENTE  
— — — JOSE CUTILEIRO

OS CENTURISES E A NAÇÃO

— — — NUNO DE BRAGANÇA

M (motoc) ou o diferente sino-sovietico  
de MANUEL DE LUENA

APROVADO COM CORTES

PAULO VI & Cristovam Martens da

Cota



## FRANCISCO PULIDO VALENTE

O Professor Francisco Pulido Valente que morreu em Lisboa no penúltimo dia de Primavera foi, nos últimos anos, uma espécie de exilado na própria Pátria. Raramente saía de casa, onde, rodeado pelos seus livros e os seus discos recebia as visitas da família e de meia dúzia cada vez mais escassa de amigos. Não lia, nos jornais portugueses, senão as notícias do estrangeiro.

Tinha, durante mais de 50 anos, através de actividade docente e de relações pessoais, oferecido aos outros o exemplo vivo de que *pensar* e *saber* podem não ser apenas formas eruditas de ganhar dinheiro e prestígio ou entreténs inocentes e maçadores para débeis de corpo ou exercício prévio necessário a realização práticas eficazes. Que podem fazer parte inevitável de uma maneira de estar no mundo. Implicam coerência interna e ser de consequência para o próprio. Poder-se mesmo gostar muito de pensar e saber. Muito e de uma maneira sadia. Como de pêssegos. Ou de crianças. Ou de cognac. Gostando ao mesmo tempo de pêssegos, de crianças e de cognac. E ordenando por fim tudo isto com segurança e com serenidade.

As angustiadas complicações peninsulares do racionalismo e do materialismo opunha um positivismo lógico estrutu-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 25/12/63

Prova n.º 2

Saída em 28/7/63



rado. Tirou sempre das coisas a relevância justa. O seu edifício mental, constantemente enriquecido por novos factos e novas ideias permaneceu existência cotidiana.

Esta resistência intelectual, vivida intensamente contra a maré pôdre da vida portuguesa, confinou-o e isolou-o cada vez mais. Não porque desdenhasse ou aborrecesse o mundo. Quando o primeiro cosmonauta foi colocado em órbita chorou de emoção. Aos 70 anos leu Sartre, Kafka e Camus. Quatro dias antes de morrer queria informar-se, pela rádio, do destino do gabinete Mac Millan.

Não. O mundo que evitava era, concretamente, o mundo de aqui, que ele conhecia bem, que o enfurecia e que, embora por vezes o venerasse lhe era, no fundo, completamente alheio.

Receio que não tenha, como se diz, deixado escola. Era uma espécie de força da natureza — até naquilo em que a natureza menos abunda em esforços e a que se chama, correntemente, a vida do espírito.

Não havia muito lugar para ele em países tacanhos, manhosos e contentes consigo. Com a sua morte, meia dúzia de pessoas perdeu um ponto de referência valioso. E desapareceu uma das poucas notas dissonantes na harmonia feliz da vida portuguesa.

J. C.

H

SERVÍCIOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

2

em...15/7.../63

Prova n.º 4

Saída em 28/7/63



FRA FRENTE, PORTUGUESES

Os tempos vão difíceis e requerem ânimo e imaginação. Estamos longe da rotina. Todos procuram coragem levados, bem entendido, ou por imagens públicas e publicizadas ou por mentalização particular, bem distinta e diferenciada. Uns ganham-na e outros vão-na perdendo.

Damos o que nos pedem, mas em contrapartida levamos muito. Por vezes (quase sempre resta-nos sorrir perante os outros. Ah! Os outros. Os outros e nós. Nós, finalmente.

★

Vem a talhe referir duas notas inseridas nos «Diário de Notícias» de 4 e 5 de Julho de 1963.

Na 20.ª Conferência Internacional de Educação, organismo técnico criado pela U. N. E. S. C. O., a realizar-se em Genebra, alguém (por acaso eram muitos), apresentou uma moção pedindo a expulsão de Portugal da Conferência. A moção obteve 40 votos a favor, 23 contra, e 17 abstenções (entre as quais contamos a delegação da Santa Sé).

Perante a incompreensão generalizada, o delegado português deu logo a medida exacta do seu valor. «O Representante de Portugal comunicou à Imprensa que não aceitaria nem a moção nem o voto», e, prossegue o mesmo jornal, «os portugueses não faziam tenção de se retirar».

★

Por outro lado (telegrama da France Presse) (D. de Not. de 4 de Julho), «a delegação senegalesa ao Conselho Económico e Social das Nações Unidas, actualmente reunida em Genebra, pediu a exclusão de Portugal e da África do Sul da Comissão Económica das Nações

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

em 15/7/63

Prova n.º

Saída em 28/7/63



Unidas para África». E (segundo a mesma notícia), o delegado, referindo-se ainda a Portugal, logo após ter mencionado a África do Sul, condenou «a política que leva a efeito em África com obstinação, para manter o seu império colonial, definitivamente condenado pelas coerentes histórias contemporâneas».

★

Haverá perplexidade? De maneira nenhuma.

A palavra do Chefe de Estado, emacer do Sal, no 805.º aniversário da reconquista aos mouros, e no 40.º da alternativa do cavaleiro tauromáquico J. Nuncio — que, no dizer de alguém, tem honrado Portugal inteiro — ofrnceceu o ânimo e coragem necessários para estes momentos.

Disse o Chefe de Estado: «E Portugal continua o seu fadário, batalhando para se manter Portugal. Embora tenha sido mais fácil conquistar o que havia de ser Portugal, do que manter o que já o é, nós havemos de vencer, como venceu Afonso Henriques.»

★

«Diário de Notícias» (A. N. I.) — Genebra, 5 — «A delegação Portuguesa, notificada pela Presidência da Conferência Internacional de Educação, que devia abster-se de comparecer às sessões, devido ao voto maioritário que aprovou a sua expulsão, decidiu não voltar a tomar parte na Conferência.»

★

Não desanimemos.  
Nós finalmente.  
Prá frente, Portugueses.

J. S.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

2

H

## PAULO VI, O PAPA DA ESPERANÇA

Grças ao extraordinário prestígio de João XXIII, a eleição de Paulo VI foi acompanhada e sentida quase poderia dizer em escala mundial. Viveram-na os cristãos, pois se tratava da escolha do Pastor da Igreja de Cristo; e viveram-na com igual atenção muitos homens de boa vontade que de há anos para cá têm vindo a interessar-se pela abertura da Igreja e dela esperam que seja força actuante ao serviço da Humanidade. Foi escolhido o Cardeal Montini. Pro-Secretário de Estado no pontificado de Pio XII e Arcebispo de Milão desde 1954, de há muito se distinguira como figura de altíssimo nível intelectual e singular abertura dos valores do nosso tempo.

Escreveu um dia: «Devemos amar o nosso tempo, a nossa civilização, a nossa técnica, a nossa arte, o nosso desporto, o nosso mundo.» Teria sido porventura este tom, de nítido sabor teilhardiano, e uma ou outra das suas atitudes que escandalizaram a Cúria Romana, que levaram o grande público a classificá-lo às esquerdas.

Tem o seu quê de estranho esta classificação que no entanto não deixa de ser cómoda como ponto de partida. Ao tempo de Pio XII, de bom grado se opunham os dois Pro-Secretários de Estado: Mons. Tardini, homem das direitas, monárquico, amigo da Espanha de Franco, e Mons. Montini, de tendências liberais, amigo da França e dos movimentos da vanguarda.

Pese muito embora à nossa suficiência de supremos avaliadores, quer-me parecer que figuras como Paulo VI escapam a tal classificação. Muito menos teremos o direito de aceitar que «o Secretário de Pio XII, todo das esquerdas, teria dado lugar ao Arcebispo de Milão, a jogar bastante na direita».

Temos todos de aceitar, isso sim, que o novo Papa tem sido um homem de fé apaixonada sob uma frieza aparente, ansioso por que a mensagem de Cristo chegue a toda a parte, e com um conhecimento único da situação da Igreja e do Mundo.

Dos seus tempos de colaborador directo de Pio XII, trouxe uma vivência profunda dos problemas que se põem à Igreja nos vários continentes. Arcebispo de Milão em 1954 — e nos nos interessa investigar se teria ou não saído de Roma sob a pressão dos elementos mais conservadores da Cúria —, enriqueceu-se com uma experiência notável da responsabilidade pela mais importante diocese da Itália que tão bem resume os problemas, inquietações e angústias dos homens de toda a parte. Em 1960 teve ocasião de se deslocar às Américas, a do Norte com uma maneira muito especial de viver um cristianismo optimista e próspero, e a do Sul com uma situação desesperada para a Igreja e para todas aquelas populações escravizadas. Montini foi recebido oficialmente



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



em Brasília pelo Presidente Kubitchek, mas andou também perdido pelas favelas do Rio de Janeiro e outros bairros populares que são uma nódoa na grande metrópole da América do Sul. Visitou longamente, em 1962, muitas das nações africanas recentemente formadas e pôde tomar contacto com uma África rejuvenescida, porventura ainda muito marcada pelas dores de parto mas já com sinais promissores de maravilhosa fecundidade.

O campo social é o que mais cuidados tem merecido ao Cardeal Montini. Começam a vir a público os gestos discretos do novo Papa — um anel cardinalício que cai na bolsa dos pobres, o resgate, pelo Natal, de tudo o que famílias humildes tinham empenhado nas horas mais difíceis —, mas revestem-se de excepcional importância as palavras que tem proclamado alto e bom som, desde que chegou a Milão e afirmou que ia procurar «defender os trabalhadores, ser o Bispo dos trabalhadores. No entanto este Bispo dos Trabalhadores quis continuar a ser o bispo de todos. Por isso se recusou sempre a comprometer-se por uma classe de modo a excluir a possibilidade de diálogo com a outra, o que levou alguém a escrever: «A burguesia queixa-se da sua predilecção pelos problemas dos trabalhadores e estes, por sua vez, não apreciam as boas relações que o Cardeal mantém com os meios industriais.»

Os factos mandam dizer, isso sim, que o Cardeal se deixara comprometer com o espírito de Cristo, espírito de Verdade, Amor e Justiça, de liberdade, compreensão e tolerância. Isto é que lhe permite afirmar o Evangelho nas exigências de todos os instantes.

Logo ao entrar em Milão fez um discurso aos operários de Sesto San Giovanni, discurso este que os patrões entregaram à imprensa censurado de passagens como esta: «a Religião não é a aliada do capitalismo opressor do povo: os primeiros a afastarem-se da religião não foram os operários, mas os grandes chefes de empresa e os grandes economistas do século passado que sonharam fundar o progresso, a civilização e a paz sem Deus e sem Cristo».

Afirmou também na Carta Pastoral da Quaresma de 1958: «Apesar dos bons resultados que os trabalhadores já conseguiram, eles têm ainda muitas necessidades que devem interessar todos aqueles que aspiram à justiça e à paz social. Existem ainda males muito graves e todos devemos esforçar-nos por os suprimir. Numa sociedade cristã não se pode tolerar a miséria»

Para lá da liberdade com que defende as exigências-base da justiça social, outro aspecto saliente do Cardeal Montini tem sido a nitidez com que sempre se pronuncia, a revelar uma preocupação manifesta de ser Bispo-pastor, chefe e guia da sua diocese. Constava que no tempo de Pio XII, Montini seria o único defensor, em Roma, da experiência dos Padres-Operários. Pois mais tarde não teve receio de publicamente lamentar certos desvios que sobrevieram à crise.

Também em 1960, por alturas da primeira abertura à esquerda das eleições italianas em normas muito concretas dadas ao seu clero, condenava tal abertura em nome das circunstâncias do momento e da situação da Igreja na Itália, mas com igual sinceridade lamentava que tal abertura não fosse possível, acrescentando que não punha de lado a hipótese de dar normas noutra sentida, numa possível alteração dos dados do problema.

Espera-se que este espírito de concretização da doutrina poderá no Concílio simplificar bastante o desenrolar dos trabalhos, o que não teria acontecido, segundo se afirma, na primeira fase, com o espírito acima de tudo conciliador de João XXIII.

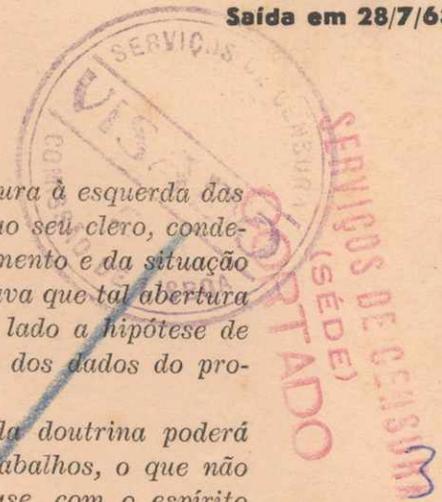
Em que medida Paulo VI irá cumular o vazio deixado em aberto pela morte do seu antecessor?

Por altura das exéquias solenes por alma de João XXIII na sua catedral de Milão, o Cardeal Montini teria traçado o programa em palavras que certa imprensa logo classificou de «autêntico discurso de candidatura»: «João XXIII traçou-nos certos itinerários que será avisado não só lembrar como até prosseguir.»

E vão prosseguir de facto, Paulo VI nos tranquilizou: «A parte mais importante do nosso Pontificado será ocupada pela continuação do Concílio Ecuménico, no qual estão postos os olhos de todos os homens de boa vontade.»

Muitos pormenores agora tornados públicos revelam uma preferência muito especial de João XXIII pelo seu sucessor. Insistiu-se no facto de Montini ter sido o único Cardeal que durante o Concílio ficou alojado nos aposentos do Papa. Que teria sido este a recomendar-lhe a maior direcção nas intervenções conciliares — foram apenas duas, embora de relevo e em momentos decisivos —. A primeira mensagem de Paulo VI repete claramente que se vão seguir as linhas traçadas por João XXIII. E se não causou tanta surpresa foi porque, felizmente, o seu antecessor já nos habituara, com simplicidade e bonomia, àquela maneira tão concreta de tratar as questões vitais do nosso mundo e de situar perante elas a Igreja e a sua doutrina.

«Para lá das fronteiras da Cristandade há um outro diálogo em que a Igreja se vê empenhada: o diálogo com o mundo moderno.» Estas palavras de Paulo VI referem uma atitude que já se impõe a muitos cristãos no dia a dia e desejamos ver institucionalizada na doutrina e no agir da Igreja: diálogo com o Terceiro Mundo; diálogo com as almas de boa vontade que professam um ateísmo que não é mais que purificação de um certo sentido de Deus; diálogo com todos aqueles para os quais a subsistência é de tal modo essencial que não estão capazes de abrir



os olhos para realidades de ordem superior; diálogo com os cristãos separados de Roma e que tentam uma aproximação maior do espírito do Evangelho; diálogo com os países socialistas; diálogo com os defensores e adversários de uma Igreja constantiniana e triunfante.

Nesta abertura da Igreja não será possível voltar atrás. Um ilustre Bispo nosso referia-se há bem pouco tempo ao «ritmo constantiniano» em que, por vezes, se vive em certos países de cristandade oficializada ou suposta e parece-nos que vem bem na esteira destoutra afirmação atribuída a João XXIII: «É necessário sacudir a poeira imperial que se tem acumulado no trono de Pedro a partir de Constantino.» Paulo VI vem encher-nos de esperança.

Ele escreveu um dia: «O padre é que tem de se deslocar e não o povo; ele é que tem de ouvir as sirenes das fábricas, esses templos da técnica onde vive e palpita o mundo moderno; ele é que tem de ser missionário se quiser que o cristianismo volte e se torne o fermento vivo da civilização.»

O cristão acredita no Espírito Santo. Sabe que Ele actua na Igreja, condescendendo é certo, com a diversidade dos homens. Sabe que Ele inspirou os Cardeais do Conclave como teria inspirado muito concretamente o Cardeal Ottaviani — a ser verdade o que traduzem as revistas de sensação — quando renunciou a ser candidato dos membros mais conservadores e pediu que deslocassem os votos para o Cardeal Montini.

Portanto resta-nos esperar confiadamente. O Bispo que corajosamente tomou tantas posições de vanguarda, o doutrinador que não sabe evitar o duro de certos problemas, o tradutor de Maritain que em poucos dias de Papa já teve ocasião de definir as condições para uma verdadeira democracia, o homem de tão notável experiência e conhecimento do mundo e da Igreja, Paulo VI estará sem dúvida à altura do lugar para que foi chamado.

Libertemo-nos da pretensão de forjar um Papa à nossa medida, de o passar ao crivo das nossas limitações. Desejemo-lo apenas fiel ao espírito de Cristo e estará forçosamente ao serviço dos Homens.

Saudemos em Paulo VI o Papa da esperança.

Da esperança que sempre manifestou nos homens e no nosso mundo.

Da esperança que em tão curtos dias de Pontificado já alimentou no coração de todos. À Primavera que tantos julgavam fruto da irradiação pessoal de João XXIII parece estar a suceder-se um Verão de amadurecimento. Pois que a Humanidade toda possa muito em breve começar a recolher os frutos.

M. M.

46

SERVIÇOS DE CENSURA  
SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE)  
CORTADO

## O EXÉRCITO NA REPÚBLICA

*Nota da Redacção* — Este artigo de Sean-Marie Domenach foi publicado em Novembro de 1958, em França. Publicando-o é nossa intenção contribuir para o estudo da história duma época e períodos que, embora recentes, já estão de nós suficientemente distanciados para que sobre eles se possa fazer meditação serena e desapaixonada.

Se estas páginas não se revestem, pois, duma flagrante oportunidade, são, contudo, uma achega para aquela investigação histórico-social a que «O TEMPO E O MODO» também não quer ficar alheio.

NA euforia da tranquilidade adquirida, os franceses não notaram uma modificação no seu regime que, embora não inscrito em qualquer artigo da Constituição, constitui um dos maiores atentados à expressão democrática dessa mesma Constituição: *pela primeira vez na História de França, o exército se impõe como força política autónoma.*

## O exército-partido

É certo que as tendências políticas do exército se manifestaram quase sempre a favor das direitas; julgou-se mesmo, quando do caso Dreyfus, que ele se iria opor ao poder executivo e judicial, embora, afinal, tenha acabado por obedecer e tenha, apesar da crise dos Inventários, voltado a ser o exército da Nação pronto a acolher todos os franceses durante a longa provação da Grande Guerra.

Assim se conservou depois do abalo de 1940 e da cisão política que chegou a provocar um embate de dois troços do exército francês, na Síria. O amálgama resistiu e o exército regressou à unidade e à ordem republicanas.

Porém a guerra da Argélia acabou a evolução iniciada na Indochina, e o exército tornou-se numa força política, sob um duplo aspecto:

— *como partido*: o exército possui uma máquina de propaganda (centro de acção psicológica, publicações com tiragens de centenas de milhares de exemplares<sup>1</sup> oficiais «agit-prop.», chamados «oficiais psicológicos» ou oficiais dos negócios argelinos, cinema, rádio, etc.); o exército estabeleceu, para si, um programa: integração da Argélia, De Gaulle no poder, voto da Constituição...

— *como máquina de Estado*: enquadramento administrativo (desde o oficial S. A. S. até ao «delegado geral» na Argélia, passando pelos generais perfeitos que o comando militar identificou com a direcção dos negócios civis); repressão policial; direcção da informação por comunicados, directrizes, censura, etc. ...

Obrigado a assumir a posição duma espécie de vicariante do Estado, o exército, a pouco e pouco e mais brutalmente depois do 13 de Maio, conseguiu conquistar esta importância política. Teremos, porém, de dizê-lo mais uma vez: foi a demissão do poder civil nas mãos do exército — na altura de Mollet e de Lacoste —, a causa principal desta politização. Agora, porém, o facto consumou-se: a integração da Argélia que irá onerar e talvez esmagar o futuro da França, foi imposta pelo exército

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

sem uma consulta ao povo francês, nem sequer a entidades competentes. Isto poderá repetir-se quando de outras decisões que comandem a nossa política.

O exército tem 450 000 homens na Argélia. Pouco interessa se todos estão de acordo ou não; grande parte deles está catequizada e os outros constrangidos a obedecer em nome da disciplina militar. Por intermédio de generais metropolitanos cúmplices ou, mais curioso ainda, de emissários de patente subalterna, licenciados para efeitos de propaganda, a fim de agitarem as subdivisões e de «contactarem» com as organizações «patrióticas», o grupo dos coronéis argelinos irradia a sua influência sobre a grande maioria do exército.

Depois das instruções do General De Gaulle ao general Salan, é certo que a politização do exército foi travada: Os oficiais receberam ordem para se retirarem dos Comitês de Salvação Pública e para não se apresentarem às eleições; e além disso, o exército não pode promover campanhas eleitorais e fica encarregado de assegurar a liberdade das eleições. Conclui-se, portanto, que o general De Gaulle conseguiu com bom êxito «aguentar» o exército e que este, na ocorrência, mostrou uma estrita disciplina. Não devemos, contudo, esquecer que este regresso à ordem se deu depois do exército ter conseguido impor a sua política. Em inúmeros comunicados, os chefes do Exército da Argélia fizeram saber, depois do 13 de Maio, que não tolerariam outra política além da sua. O que aconteceria se, daqui a alguns meses, o governo francês decidisse aplicar uma política diferente?

Notemos também que não é tanto ao governo que os oficiais se submetem, mas principalmente a um homem cheio de prestígio e que é dos deles. E se o general de Gaulle desaparecesse? Qual seria o homem de Estado capaz, em pouco tempo, de obter a sua «investidura», como na época da decadência dos Imperadores romanos?

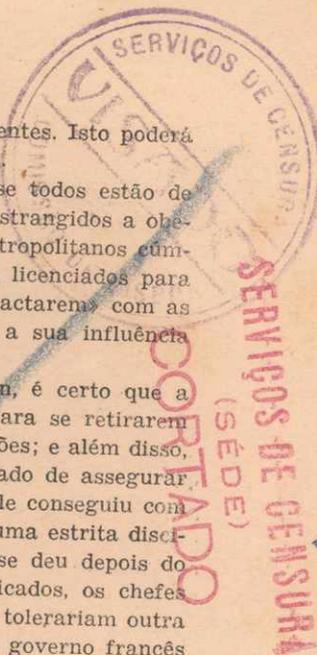
A vantagem, portanto, não é sólida. Pouco será preciso, para que o exército, apoiado nos precedentes do 13 de Maio, queira impor de novo a sua política, como a ameaça duma intervenção militar, não só na Argélia como também na metrópole. E se, ao fim e ao cabo, o poder civil prevalece, é porque antes se dobrou perante o poder militar e se entregou nas mãos dum homem que tinha a capacidade de obter a adesão do exército. A proeminência do poder civil só pode ser restabelecida, *in extremis*, graças à intervenção do General de Gaulle e à revolução das instituições francesas. Por razões especiais foi aceite, mas seria ilusório julgá-la absolutamente segura.

#### Pequeno catecismo do exército na república

Se ainda houvesse republicanos em França, esta situação apresentar-se-lhes-ia como escandalosa ou como um perigo, o maior perigo para a República desde há oitenta anos. Porém, os fundamentos da própria democracia e os mais simples princípios, parece estarem esquecidos. Torna-se necessário recordá-los.

#### — Porque existe um exército?

Para garantir a segurança de todos os cidadãos contra as agressões externas e as desordens internas. A declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a que se refere o preâmbulo da Constituição da V.ª República no artigo XII, estipula o seguinte: «a garantia dos direitos do homem e do cidadão necessita uma força pública; esta força é, pois, instituída para maior vantagem de todos e não somente para uso particular daqueles a quem é confiada.»



— O que é o exército?

O exército é um elemento da segurança do Estado, mas que não constitui em si mesmo toda a força pública.

— De quem depende o exército?

«É o Estado que dispõe da força pública, dispõe inteiramente, dela, é único a dispor dela, com exclusão das outras entidades particulares ou públicas?»

— Quais as principais consequências desta subordinação?

As principais consequências desta subordinação são:

- 1 — A utilização do exército pressupõe uma requisição do poder (político ou judiciário);
- 2 — O exército deve executar as ordens do governo;
- 3 — O exército não pode deliberar.

— Porque razão não pode o exército deliberar?

Este princípio foi afirmado pelas Constituições republicanas de 1791 a 1875, por duas razões essenciais:

A democracia é a vontade do povo traduzida por aqueles que elege, e é a soberania nacional representada por entidades encarregadas de promover a lei. «O Estado deixaria de existir se os chefes militares pudessem discutir as ordens que recebem do governo?»

São estes os princípios que, até agora, inspiraram a República francesa na organização das relações entre o poder civil e o exército. Urge recordá-los e gravá-los no cérebro dos nossos concidadãos. Contudo, os princípios não bastam.

#### Um apolitismo impossível

É preciso, também, que os princípios possam ser vividos nas situações em que os homens se encontram. Ora os democráticos, desconfiando, com certa razão, de tendências cesaristas no exército, buscaram nesses princípios uma exigência de rigoroso apolitismo que estalou sob a pressão dos factos.

Antes de tudo, foi a própria guerra que se transformou. A estratégia militar tornou-se elemento duma estratégia total, que implica o emprego de todos os recursos materiais e espirituais dum país. O primeiro passo foi dado durante a Grande Guerra.

A segunda guerra mundial foi marcada pela aparição de ideologias das massas, superiores ao patriotismo tradicional, e que ligou a Defesa Nacional a uma causa política ou espiritual. Provém daí a guerra de propaganda e a confusão entre as obrigações militares, políticas e administrativas.

Entrou-se num terceiro estágio: as guerras, ditas de «subversivas» ou «revolucionárias», do tipo da guerra da China, da Indochina ou da Argélia. Aqui, o exército encontra-se perante forças mais políticas do que militares, muito diferente da guerra



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

das trincheiras: o exército revolucionário não absorve a totalidade das forças mobilizáveis e, antes pelo contrário, limita-se a ser apenas a elite duma massa mobilizada *politicamente* e mais disciplinada do que qualquer outro exército tradicional. A acção psicológica e a organização política desde logo prevalecem sobre as funções propriamente militares. Os comunistas jugoslavos ou chineses foram os promotores deste tipo de guerra. Foi vítima dela no Vietnam o exército francês, que, agora pretende dominá-la e virá-la contra o adversário F. L. N.<sup>1</sup>

A actual evolução vem portanto confirmar o que a História nos diz: «Quando o exército não consegue inspirar-se numa origem política para com ela realizar a Defesa Nacional, não há meios técnicos nem atributos legais, por muito generosamente que lhe sejam dispensados, que possam oferecer-lhe uma sombra de êxito<sup>2</sup>.» Conclusão a tirar: «Deveria ser estabelecido que a função política do exército proceda ao reconhecimento da função política da Defesa Nacional<sup>3</sup>.» Tal conclusão é irrefutável e seria de louvar que o exército finalmente admitisse possuir uma «função política» em vez de se manter nessa atitude isolada e orgulhosa de que a Marinha «invencida» deu o pior dos exemplos e m1940. Daria satisfação poder ver oficiais compreenderem agora o que geralmente se negavam a admitir quando os incitávamos a receberem o comando dos «maquis» da Resistência...

No espaço estrito da eficácia militar, é indispensável que o exército mergulhe nas realidades nacionais. Isto implica numa educação completa e, no seu mais elevado sentido, numa consciência política. «Querer esvaziar um espírito de qualquer inteligência política, é reduzi-lo à técnica, na mais estreita acepção desta palavra, e vedar-lhe a compreensão do próprio *sentido* do seu ofício», escrevia Jean Lacroix no nosso número especial<sup>4</sup> de Maio de 1950, onde acrescentava: «*Só o que for pensado em síntese poderá agora vencer ou sobreviver*». O nosso mundo estabeleceu a comunicação entre todas as técnicas e a especialização militar nela se inclui.

Finalmente, essa passividade e essa indiferença do exército eram contrárias ao espírito democrático, em nome da qual se pretendia exigí-las. Quando se deseja educar o homem para fazer dele um cidadão responsável, porque reduzir um corpo da Nação a uma obediência cega e a um servilismo estúpido?

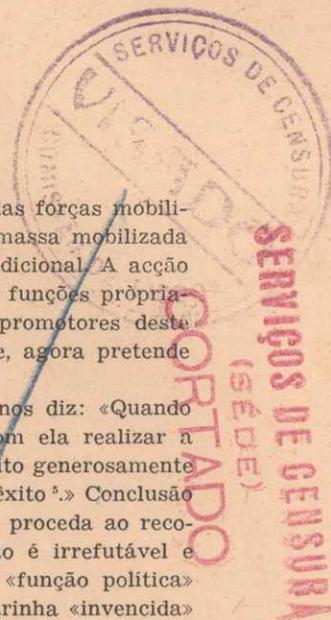
Seria portanto necessário e bom que a política da Defesa Nacional fosse reconhecida e que o Exército se aproximasse mais da Nação e assumisse maiores responsabilidades.

#### Da acção psicológica à doutrinação política

Este movimento efectuou-se, infelizmente, nas piores condições.

Os intelectuais e os oficiais — participei pessoalmente nesse esforço depois da Libertação<sup>5</sup> — que se empenharam em aproximar o exército da nação, não foram ouvidos, e foi na guerra da Indochina e nos campos de reeducação do Vietnam que os oficiais compreenderam, cruelmente, qual a fraqueza dum exército que não se apoia num povo. Foi lá que juraram não colaborar mais nessas «guerras sem fé» a que um poder imbecil os obrigava. Também, ao mesmo tempo, aprenderam outras coisas: a eficácia das técnicas politico-psicológicas<sup>6</sup> (propaganda obsidente, enquadramento, hierarquias paralelas, «confissões» dos prisioneiros, etc.).

Técnicas bem conhecidas daqueles que tinham estudado as condições da luta antifascista<sup>7</sup>; mas a origem social dos oficiais, os seus estudos, as suas tradições, tinham-nos isolado da história política viva e a propaganda apresentou-se-lhes como



em...17/7.../63

Prova n.º 24

Saída em 28/7/63



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

uma arma secreta de resultados extraordinários. Esta descoberta já Goebbels a tinha feito vinte anos antes, também no seu contacto com o bolchevismo. Empregados convenientemente e com a ajuda do terror, estes métodos conservam a sua eficácia, — e viu-se bem isso no Forum. Porém, enquanto os leninistas punham a propaganda e a agitação ao serviço duma política, estes acreditaram na técnica, com aquela ingenuidade que caracteriza o militar, quando recebe uma ideia. Era a época em que a acção psicológica nos daria uma vitória tão certa como a do canhão 75.

Auxiliados por curiosos «universitários», alguns coronéis empreendedores montaram esta máquina de condução de massas, apoiada no mais grosseiro pavlovismo e que empresta àqueles que a manejam a ilusão exaltante de possuírem o inteiro domínio sobre os homens. «Teremos de reorganizar a população de alto a baixo. Podem chamar-me fascista, mas a população deve tornar-se dócil de conduzir, e cada um dos seus gestos terá de ser controlado.» (Declaração do coronel Trinquier à Associated Press, em Setembro).

Estes oficiais psicólogos acabaram, contudo, por se aperceber que a arma psicológica aplicada ao adversário ou às populações que lhe disputam, poucos resultados duradouros usufruirá se não tiver atrás de si uma política. O slogan F. L. N. da independência exigia um outro slogan inverso e também destituído de disfarces: foi o da integração. Passou-se da técnica para a política. Ainda não é, porém, o suficiente: não podemos continuar por muito tempo — como dizia dele próprio o coronel Trinquier — a ser um «comunista sem doutrina»; a política exige a formação duma ideologia. Misturam-se nela e confusamente alguns elementos tradicionais (apreço pela ordem, culto do herói, exaltação da virilidade...) e algumas aspirações modernas (socialismo igualitário, apelo à classe operária...). A própria ideologia não satisfaz, porém, aqueles que querem opor uma fé unitária à mística do nacionalismo argelino e, para além dele, à doutrina comunista; os «valores cristãos» e o dogma católico apresentam-se naturalmente debaixo do aspecto simplista e autoritário que o integrismo lhes empresta. Constitui-se assim uma «doutrina» feita de corporativismo, de antiliberalismo, enfim de todos os epítetos habituais da crítica reaccionária do capitalismo; a alguns teólogos — como há sempre — vêm trazer à nova mística o auxílio da sua argumentação<sup>11</sup>. Não foi portanto no seio da pátria, mas sim na escola do inimigo e para lhe arrancar as armas, que certos elementos forjaram esta nova concepção duma política militar. Numa progressiva exigência de totalidade, esta concepção contém uma lógica perigosa: da «preparação» da própria nação passa-se à doutrinação das recrutas e oficiais de reserva e mais tarde à propaganda na metrópole e até a golpes de força<sup>12</sup>. Como dissemos, não há guerra sem acção política ou psicológica, mas entre a propaganda destinada ao combate do inimigo e a que se exerce sobre os recrutas, entre a intoxicação do adversário e a do cidadão a distância não é grande, e o papel dum governo, digno deste nome, seria o de gelar para que seja respeitado.

Seria desejável que o Exército assumisse dentro da Nação a «função política» que lhe compete, mas o facto é que foi ele a elaborar a sua política e que a impôs à Nação — tendo contribuído muito para isso a demissão do poder civil. Seria desejável que o Exército, como queria Jaurès, se fundisse na Nação, mas é a Nação que se arrisca a ser absorvida pelo Exército; — que este também fosse educado na Nação e por ela, mas afinal é o Exército que arma em educador e em censor dos erros da Nação.

É uma perspectiva temível e que, depois dalguns sucessos eufóricos, pode com-



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

prometer a função do Exército e também o conjunto da vida política francesa. Um exército politizado não tem o direito de obrigar os seus homens a seguirem determinações políticas em nome da disciplina militar; disciplina fundada precisamente para serviço da Nação e que está fora de qualquer discriminação política<sup>13</sup>. É talvez lícito perguntar se, no caso de lhes designar como inimigos homens e ideias que igualmente pertençam ao património nacional, haveria justificação para o exército em exigir a obediência da parte dos jovens que lhe são confiados para a defesa do país. Fazendo isso, o exército contribuiria para um dilaceramento ainda maior dessa unidade nacional cuja ausência tanto o tem feito sofrer.

#### A integração do Exército

Não retribuimos aos coronéis psicólogos o ódio que nutrem pelos intelectuais. Demais sabemos nós que foram eles as primeiras vítimas e as de maior evidência, duma política mantida e duma hipocrisia governamental de que toda a França sofreu. Além disso, o desprezo que eles professam pelos intelectuais é apenas a consequência da separação entre o exército e a Nação se, mais especialmente, entre a formação dos oficiais e a Universidade, — separação que os entrega às teorias apressadas de especialistas duvidosos. Respeitámos sempre o Exército e, sobretudo, porque numa sociedade dominada pelo dinheiro, ele vive apoiado em tradições mais nobres; apreciámos o exército na época em que saía, feito, das ruas sombrias; agora, as questões que nos movem por «desmoralização do exército» apresentam-se como um dos mais ridículos estratagemas da nova «acção psicológica».

É preciso «reduzir a fractura» entre o exército e a nação, e não é opondo-os que isso se conseguirá<sup>14</sup>. O primeiro responsável por essa fractura é o poder civil; todos esses dirigentes políticos que, na altura do grande susto que apanharam em Maio de 1958, cobriam o exército de cumprimentos e de novas responsabilidades, tinham-no antes mandado para o desastre da Indochina, nas piores condições e quase vergonhosamente, — deixando a opinião esquecer que homens teriam de morrer, lá longe, «pela França». O general Ely tinha razão quando escreveu: «cada vez mais distante da Metrópole, o exército ficou quase totalmente riscado da vida interna do país e sofreu com isso uma grande impressão de isolamento<sup>15</sup>.»

De resto o exército não é um bloco. É certo que alguns dos seus elementos aplicaram a tortura, mas também é igualmente certo que a tortura diminuiu consideravelmente depois que o exército tomou conta do poder em Argel. Ao lado dos coronéis psicólogos, existem, em maior número, oficiais S. A. S., para quem a edificação duma escola ou a reconstrução duma aldeia têm maior importância do que os *slogans* dos altifalantes; ao lado dos oficiais reaccionários, contaminados pelo integritismo, quantos viram na integração uma ocasião para lutarem contra a miséria dos Mussulmanos e de fazer deles homens alimentados e instruídos, aptos a decidirem e a conduzirem o seu destino! Ao lado dos colonistas, género Serigny, encontram-se militares que encaram a sério a reforma agrária e esperam impacientemente as medidas que deitarão abaixo o colonialismo argelino. «Desde que é político, administrativo, organizador, ou encurtando, civil, este exército oferece tendências que podemos escolher e onde nos podemos apoiar ou não<sup>16</sup>.» Ao ponto a que chegámos, é realmente indispensável para o governo apoiar a essa política numa das tendências do exército; mas o facto de se poder falar em «tendências do exército» e de criar oposições entre coronéis, generais e capitães, mostra bem o grau de decadência a que o Estado chegou.



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

7

A divisão do exército está à medida da divisão política da França. Foi por a nação duvidar de si mesma e não saber já o que queria, que o exército foi levado a querer em seu lugar e finalmente arrastar a nação atrás dele. Existem dois sectores essenciais em que se nota com maior agudeza a crise duma nação: o ensino e o exército, pois ambos representam proeminentemente funções nacionais. Só haverá saneamento no exército se, primeiramente, a nação chegar a acordo sobre o desempenho da França no mundo e se o governo souber extrair daí uma política.

Ao ponto a que chegámos, seria inútil celebrar as virtudes do «Grande Mundo» que hoje se transformou em «Grande Palrador». A tomada de consciência política efectuada pelo exército tem também um aspecto positivo: no contacto com a miséria dos mussulmanos e suscitada pela lógica da «guerra revolucionária», uma parte do exército sentiu que a sua missão exigia da parte do poder uma política de reformas fundamentais, mesmo uma revolução, — segundo escreveu um colaborador da *Revista militar de informação* 17. Esses homens não tardarão em perceber o fosso que separa as suas aspirações da política preconizada pelos activistas militares e pelos colonialistas disfarçados de pastores da integração; não tardarão em perceber que essa «revolução» é impossível sem a colaboração do povo argelino e sem uma modificação total da política francesa, sem uma evolução para o socialismo. Podemos ajudá-los a que percebam.

Essa evolução exige, porém, que o exército se liberte do seu isolamento e desse complexo de isolamento que os seus «amigos políticos» exploram para fins de conjuração partidária. É preciso, portanto, preocuparmo-nos urgentemente dessa «integração» indispensável: a do exército na nação, — integração política, administrativa e intelectual 18.

É também especialmente urgente — enquanto se não une a Universidade às escolas militares como Jaurès desejava, — arrancar os oficiais às seduções das ideias fáceis e dos intelectualismos doutrinários e pô-los em contacto com as forças reais da nação, com sindicalistas, e especialistas de ciência política, económica e de psicologia. Falta-nos um novo Uriage em que homens de pensamento e homens de guerra se confrontem 19. O poder civil deve restabelecer o seu primado; é a ele que cabe a determinação da política nacional. Não é por represália ou castigo, mas por exigência fundamental da ordem cívica. O poder civil será obedecido na medida em que queira e saiba fazer respeitar a sua vontade. O mal vai mais longe do que um momento de desobediência: trata-se de enraizar de novo o exército na nação destruindo tudo o que, na formação dos quadros, na vida técnica e na prática administrativa, possa isolar o exército e exasperar os seus reflexos de vítima incompreendida; trata-se de fazer circular na instrução do activo e da reserva uma mesma corrente de ar que envolva os homens e as ideias. O aviso proferido pelo coronel Roussel, herói da Comuna de Paris, alguns instantes antes de ser fuzilado, deve ser escutado muito seriamente:

«Sois republicanos; lembrai-vos bem disto: se em pouco tempo não tiverdes reorganizado o exército, será o Exército que desorganizará a República.»

JEAN MARIE DOMENACH

NOTAS

em... 17/3/63

Prova n.º 27

Saída em 28/7/63



<sup>1</sup> «Le Bled» órgão do exército da Argélia e a maior tiragem dos Lebdomários franceses.  
<sup>2</sup> J. de Soto: «Poder civil e militar». *A Defesa Nacional* (biblioteca dos centros de estudos militares especializados, P. V. F.). Este trabalho recente contém muitas colaborações que há interesse em consultar. Inspirámo-nos especialmente nos textos de J. de Soto e Maurice Mégret («Função política do exército»). Este trabalho contém além do resto, a famosa conferência do Coronel Lacheroy sobre a «guerra revolucionária».

<sup>3</sup> Duguit: *Tratado*, t. IV.

<sup>4</sup> Ver adiante o artigo de P. Fougeyrollas: «Mao Tsé-Tung e os coronéis».

<sup>5</sup> M. Mégret, op. cit. pág. 149.

<sup>6</sup> Id. pág. 162.

<sup>7</sup> «Exército Francês?» — *Esprit*, Maio de 1950. Notamos que o «*Esprit*» consagrou, desde a sua fundação, três números especiais ao Exército. O de Maio de 1950, continha em especial um longo artigo do saudoso coronel de Virien, que tratava do mau-estar do exército e dos remédios a dar-lhe. Estes esforços de reflexão, felizmente, apenas provocaram do lado dos responsáveis do nosso exército medidas de interdição e de censura contra o *Esprit*.

<sup>8</sup> Como redactor-chefe de «*Aux Armes*», revista militar de Rhône-Alpes.

<sup>9</sup> Ver ch. Lacheroy: «A guerra revolucionária», op. cit.

<sup>10</sup> Já antes da guerra Tchakhortine as tinha divulgado no seu célebre trabalho: «*A violação das multidões pela propaganda*», reeditado recentemente (Gallimard). Ver também o seus opúsculo *Propaganda Política*, de 1950 («Que sais-je?» P. U. F.).

<sup>11</sup> Ver no «*Journal à plusieurs voix*» deste número, o texto: «O crime da revolução».

<sup>12</sup> Em Mont-Marsan, o referendun foi assinalado por manobras militares e por comandos contra as organizações das esquerdas. Outras cidades conheceram também este tipo de inter-venção.

<sup>13</sup> Este problema acaba de ser apresentado à opinião pública por um facto que sem demonstrar claramente os conflitos que a politização do exército provoca. Na véspera do referendun um oficial no activo actualmente em serviço na Argélia, no sector de Cherchell, o capitão André Masson, tinha mandado pelas vias competentes ao general Salan uma carta em que dizia, entre outras coisas, isto: «Tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que depois de ler a ordem de serviço n.º 1532/EM/10/5 P. P. S. de 12 de Julho, que me foi comunicada, não me é possível aceitar em silêncio o cumprimento das ordens que V. Ex.<sup>a</sup> me prescreve: «Todos os quadros deverão procurar obter o maior número de votos aprovando o texto da Constituição apresentado pelo general de Gaulle.» — Ora quando a força militar é imposta para fazer os cidadãos aprovarem o texto que determinará as novas instituições dum país, não posso deixar de dizer que não me parece contrário à lei que deve fazer respeitar.»

A 25 de Setembro, o capitão Masson era castigado com 30 dias de prisão (castigo pronunciado pelo general comandante da divisão). No dia 26 de Setembro um helicóptero conduzia o capitão Masson de Cherchell a Orleansville onde ficou encarcerado na antiga prisão contígua à repartição local.

Este simples facto — e outros a que os jornais se referiram — mostra o estado de desordem do exército francês depois do 13 de Maio. Oficiais e soldados, castigados por se recusarem a seguir ordens políticas dos seus superiores, ou seja, por se conservarem fiéis à tradição republicana e aos regulamentos militares.

<sup>14</sup> «Enquanto houver um exército, será um crime contra o génio da França e contra o próprio exército, separá-lo da nação.» (J. Japprès «*L'armée nouvelles*».)

<sup>15</sup> General P. Ely: «*L'armée dans la Nation*» (revista militar de informação, Ag.-Set. 1958).

<sup>16</sup> Jean Daniel, no «*Express*» de 2 de Out. de 1958.

<sup>17</sup> Na Guerra Revolucionária o que devemos ganhar ao mesmo tempo é a guerra, que é tarefa do exército, e a revolução, que é tarefa de todos. (Ximenes: «Guerra revolucionária da Argélia».)

<sup>18</sup> Ver as sugestões de M. Mégret (op. cit.).

<sup>19</sup> Fundada por oficiais numa zona não ocupada, a que se juntaram alguns intelectuais, a Escola dos Quadros de Uriage recebia como estagiários, administradores, estudantes e educadores que recebiam ali uma formação intelectual juntamente com física. Suprimida em Dezembro de 1942, a Escola dedicou-se ao enquadramento e instrução dos «maquis». Uma das suas filiais, depois da Libertação, foi destinada aos quadros F. F. S. com o nome de Escola Militar de Uriage e esteve ligada às tentativas da época que procuravam manter a união entre a nação e o exército, realizada na luta contra o ocupante (ver «escrito francês» pelo coronel de Virien, no «*Esprit*», Maio de 1950, pág. 798).

✱

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

8

Provas de 28  
a  
144

DANILO DOLCI

I

FORMANDO manchas no mapa-mundo, compactas ou rarefeitas, consoante os continentes e as coordenadas geográficas, deparam-se-nos as regiões atrasadas, para alguns optimistas «em vias de desenvolvimento».

Na radical diversidade que a vida social apresenta distribuída espacialmente, podemos mesmo assim distinguir motivos de assemelhação que, para múltiplos efeitos, tornam viável o tratamento em bloco dessas regiões. Em particular, a fome é um elemento que permanece para a maior parte das unidades políticas existentes e, até, civilizadas. Se é que o conceito de civilização não repele imediatamente a possibilidade de pacto com o miserabilismo...

Como quer que seja, a fome resulta de uma inaptidão à despesa, motivada pelo baixo nível de rendimentos obtidos, este mesmo com três componentes: a fraca produtividade média da mão-de-obra, a pressão da oferta sobre o mercado de trabalho e a desigual repartição dos frutos da actividade produtiva. A existência de formação técnica ou o seu obsolescência, a carência de equipamentos adequados, o desconhecimento das tarefas mais eficientes, isto é, que proporcionem melhor rendimento por se quadrarem com as condições ambientais, a coexistência de tipos de propriedade de grandeza antieconómica — por excesso ou defeito — confluem na recolha de um baixo produto por trabalhador. Simplesmente, as marcadas diferenças quanto à posse da propriedade agrícola ou industrial, concentrando-a nas mãos de uma minoria empresarial (caso mais frequente das explorações industriais) ou de uma oligarquia da terra, por vezes hereditária (caso das explorações agrícolas), induzem a grande massa que a ela não acedeu à oferta massiva dos seus préstimos de trabalho. O conhecido rebaixamento dos salários segue-se ao livre jogo das forças de mercado, até níveis que por vezes rondam ou estão abaixo de um mínimo de subsistência, aliás para alguns povos extremamente elástico.

A desigual repartição dos rendimentos e da riqueza social relaciona-se causal e derivadamente com as componentes anteriormente referidas. A exploração do trabalho pouco qualificado e a escassez de oportunidades que contempla a descendência do trabalhador do campo ou da indústria, oportunidades de formação intelectual e de ocupação digna e remun-



RECEBIDO  
CORTEADO  
19/7/63



rada, degradam a posição relativa dos grupos sociais numericamente mais importantes e isto, por sua vez, é causa de uma mais difícil possibilidade de invocação de direitos.

Num contexto de incerteza pela subsistência imediata e de ostracismo em relação aos centros criadores das decisões mais fundamentais da organização da sociedade, insere-se o homem média das «sociedades atrasadas», que traz vincadas os traços psico-fisiológicos do seu condicionalismo.

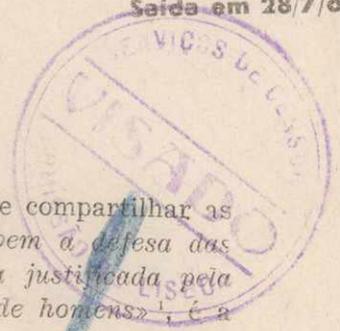
É um *homem inculto*, e não apenas em conhecimentos que o ensino dá. Os seus horizontes são estreitos, revelando-se incapaz ou pouco apto a escolher uma determinada meta de promoção própria e a agir em conformidade. A necessidade de dispender grande dose quotidiana de energias rouba-lhe o tempo para o convívio com os companheiros de função, frustra-o na sua natural ânsia de comunicação, faz dele um *homem isolado*. Homem isolado que não antevê a força potencial do grupo de trabalho em que se integra, que não assume a defesa dos seus interesses e que, por motivos diversos, se não assume a defesa dos seus interesses e que, por motivos diversos, se não consegue exprimir. A renúncia a qualquer ensaio de solução, o desespero gerado pela repressão dos seus anseios, tornam-no *abúlico*, privo de vontade e quase insusceptível de ser estimulado. Se admitirmos que as diferenças étnicas não constituem elemento explicativo do estado de prostração, física e psicológica, do camponês e do operário não-especializado, é em factores diferentes, relativos ao regime de propriedade e ao «status» social, que em todos os continentes devemos procurar a raiz do facto.

Ou seja, urge quase por toda a parte promover uma reforma das estruturas sociais que dê a cada homem a possibilidade de auferir dos frutos do progresso e superar, quando disso seja caso, a condição de «coisa» ou de instrumento do bem-estar e poderio dos demais.

A consciência do carácter imperativo dessa necessidade tem-se desenvolvido principalmente nos descendentes da pequena e média burguesia e, nas estruturas que concedem maior grau de decisão e de afirmação pessoal, do operariado.

*Salvar-nos-emos todos ou nenhuns, somos participantes do mesmo destino e fundamentalmente solidários, o homem conseguirá libertar-se das cadeias do «eu» para assumir de vez uma vivência colectiva, todas elas são expressões de uma consciência que alguns pensadores designaram «planetária», com isso pretendendo por certo dizer que as fronteiras do Orbe seriam as únicas compatíveis com o despertar da consciência.*

2  
 CENSURA  
 (SECRET)  
 COPIADO



O empenhamento de cada um de nós em sentir e compartilhar as dores do «outro», a decisão de «*tomar depressa e bem a defesa das justas causas, mediante uma exactidão metodológica justificada pela gravidade do que está em causa, a vida e a morte de homens*»<sup>1</sup>, é a

<sup>1</sup> Danilo Dolci: *Fare presto (e bene) perchè si muore*, publicado por Francesco de Silva, Torino, 1954.

única tarefa à medida das ambições de uma geração que, quase brusca-mente — auxiliada pela cronologia e pontos de contacto dos eventos modernos — tomou conhecimento de si mesma.

Este intróito um pouco alongado não virá, por certo, acrescentar muito à compreensão da meridiana obra de Danilo. Que ele fique contido como reconhecimento, para além de qualquer divergência sobre meios, da natureza excepcional desse intelectual que, certo dia, descobriu terem as ruínas menos virtude que os homens vivos e que era a estes que competia ajudar.

Falemos de Dolci.

## II

Danilo Dolci, filho de ferroviário, teve formação universitária. Naturalmente atraído pelas Belas-Artes, dado à poesia e à meditação religiosa, acabou por cursar Arquitectura em Roma e Milão, tendo nesta cidade concluído os estudos. Em jovem a sua atitude de veemente recusa à ideologia do Eixo foi-lhe causa dos primeiros dissabores e da primeira passagem pelo cárcere. Com a Itália liberta e o curso findo, levou-o a curiosidade a frequentar Dom Zeno Saltini, que intentava criar uma célula de vida social não-burguesa, regida por princípios e normas de aplicação próprios. O carácter enquistado de «*Nomadelfia*» no panorama capitalístico ou de predomínio burguês da sociedade italiana, afastou-o, para além dos múltiplos motivos de apreço a que a obra tinha jus, da experiência que lhe parecia distante, desfazada, dos problemas sugeridos pela vida numa comunidade do tipo da italiana.

Foi na ideia de se abrir largamente ao contacto das mais extensas e deserdadas camadas de povo real, partilhando das suas vivências e reivindicações que Danilo Dolci chegou à Sicília em 1952. Escolheu Trapatto, uma terreola onde seu pai em tempos se instalara, para começar a sua acção de ensino e preparação para o progresso social autocons-

3  
SEMPRE DE BERSERL  
CERTIFICADO  
(SEDE)

truído. Assim foi visto chegar por pescadores da região:

«...juntos fomos visitar a aldeia e depois ao encontro dos pescadores. Todos que ali estavam se chegaram a ele e lhe perguntaram que vinha ali fazer. E ele, respondeu que queria fazer quanto pudesse para estarem como irmãos; que tinha vindo a Trapetto para viver com os pobres»<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Do livro *Due pescatori siciliani raccontano la storia del Borgo di Dio*, ed. IL GALLO, Genova.

Uma característica marcante da personalidade de Dolci: ele não vem como observador, como cientista social ou providencial Messias. Vem para *participar*, isto é, comungar com os humildes nas suas vicissitudes e usar os instrumentos técnicos que em tempo adquiriu por forma a tomar o esforço colectivo síncrono e racionalizado. Não procura captar facilmente simpatias, recolher bênçãos, recrear-se no «Prémio de Bondade» que pelo Natal de 1954 lhe foi atribuído. Porque quando se participa a dádiva é natural, incontível e desinteressada. E a dádiva técnica-mente apoiada resulta eficaz.

A preocupação da eficácia, da economia de meios, de gestos, furtam Danilo Dolci ao acto gratuito, à demagogia. Ser exacto ou rigoroso significa justiça, liberdade, verdade: o acto técnico converte-se em acto solidário e reformador.

Como dispor dos instrumentos pessoais em ordem a promover uma transformação radical das condições de vida, foi o primeiro problema a pôr-se a Dolci.

A Sicília, que cabe perfeitamente no esquema simplista do número 1. sobre as regiões atrasadas, reflectia uma estagnação lamentável do sistema de classes, devido à permanência de vínculos de exploração da terra quase-feudais, peso pouco significativo das actividades mais rentáveis e notória discricionariedade no uso do poder pelas classes dominantes. A incomunicabilidade dos estratos sociais era tenazmente defendida pela MAFIA que, dizimando os poucos sindicalistas activos, tirava à legião de trabalhadores quaisquer veleidades de organização. No ambiente concêntrico, sem horizontes, que circundava a sociedade siciliana, se definia o isolamento e inandade de todos, aqui e ali quebrado por uma reacção individualista, não-racionalizada, desprovida de possibilidades de vingar.

Criando os *Centros Dolci* procurou sacudir do letargo os pescadores e camponeses de uma região particularmente ingrata, onde o assassinio era moeda corrente e o desemprego massiço. Que é o *Centro*?

Provas remetidas à Censura

em 19/7/63

Prova n.º 32

Saída em 28/7/63



a) começa por ser uma *comunidade*, melhor ou pior instalada, em terreno e construção obtidos quase de graça. Nela são albergados os órfãos, os velhos enfermos, as viúvas na medida em que as instalações o permitam e postos em comum os poucos recursos de que se nutre o relativo conforto dos seus habitantes. Danilo Dolci chamou-lhes *i borghi di Dio (Terras do Senhor)*; a regra fundamental da vida comunitária é o carácter colectivo, despersonalizado, que assume a posse dos bens: *não há meu, nem teu!* é noção que as crianças aprendem com as primeiras letras.

b) o *Centro* é um difusor de cultura popular. Em primeiro lugar, alfabetizando as crianças que jamais veriam a escola e pondo-as em contacto com métodos evoluídos de formação da mentalidade e do gosto, a seguir chamando os adultos para uma já inesperada adesão intelectual. Colocar os humildes em contacto com as manifestações superiores do espírito tem sido preocupação constante de Dolci; e assim os concertos de Bach são escolhidos pela unânime aprovação de crianças de dez anos, a modelação, o desenho e a pintura, actividades praticadas com entusiasmo e encaminhadas criticamente por professores acorridos de diferentes pontos em resposta ao apelo do Fundador. Porque, na realidade, Danilo Dolci empenha na sua obra trabalho e dedicação pessoal, apenas. Não é apoiado por financiamentos regulares, embora aceite com o máximo interesse o auxílio que lhe puderem prestar. Aqueles que trabalham nos *Centros* não devem esperar como recompensa mais do que o sentimento do dever cumprido.

c) a Comunidade que para os núcleos populacionais vizinhos é polo de atracção e de difusão de iniciativas é «aberta», isto é, não constringe por qualquer meio à participação ou à renúncia. Todos nela entram por necessidade, física ou interior, e de lá saem em qualquer momento; ninguém pergunta a ninguém a proveniência, destino, crenças, motivações... A Comunidade é de seres livres e, como tal, seria crime forçar as barreiras da disponibilidade pessoal.

d) o *Borgo di Dio* desempenha uma função ainda mais actuante no plano da realidade ambiental. Prepara os seus frequentadores habituais ou temporários para uma atitude desperta em face dos erros existentes e encaminha-os para uma acção construtiva com vista a remediar esses erros. No *Borgo* são promovidos debates, conferências, grupos de inquérito as condições de vida e de trabalho e à economia regional, erigem-se reivindicações, estudam-se métodos adequados de actuação. Para Dolci a questão imperceptível a coerência de fins e de meios; acredita

5

SERVIÇO DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

que nenhum bem poderá reverter de actos injustos, que à prepotência e soberba só se poderá responder de espírito sereno e firme para que aquela fique desarmada e sobretudo «convencida». É nesse sentido que advogará, como Gandhi, o método da não-violência e da persistência na resistência pacífica.

e) assim o *Borgo di Dio* é na sua pequenez o fulcro de uma extensa acção pedagógica sobre aqueles que até então jamais tinham deixado de recorrer a explosões individualistas para solucionarem diferendos e que, conseqüentemente, nunca tinham logrado a efectivação dos direitos elementares. A pureza de costumes, a conduta benevolente, o trabalho pelos outros gera naturalmente o «engagement» político-social necessário às demonstrações de força do proletariado dos campos. Este pede trabalho para os numerosos braços desocupados, obras de regularização de cursos de água e de solos, irrigação e crédito. O Centro é o porta-voz qualificado dessas pretensões e desse modo promove «greves às avessas», prestações de trabalho não-remunerado para significar a importância vital que socialmente tem a posse de um local de trabalho permanente e a ansiedade com que se encara a penúria geral dessas ocasiões, «ocupações de terrenos incultos» aos quais não chegou a reforma agrária ou só defeituosamente, grupos de estudo das condições geo-económicas e demo-sanitárias (alimentação, vestuário, habitação, saúde, instrução, etc.) que apresentam, publicam e divulgam relatórios circunstanciados dos estran- gulamentos apercebidos, e uma multiplicidade de outras acções coerentes com o decálogo de Dolci que adiante referiremos.

Os *Centros da Fé e do Trabalho*, como lhes chamou Aldo Capitini

<sup>3</sup> Ler Danilo Dolci *et la Révolution Ouverte*, — Questions Actuelles ed. Desclée de Brouwer, 1957.

não substituem esta ou aquela instituição comum. São por igual fomentadores de todas, autênticos agulhões que as auxiliam a interceptar os corpos dos deveres próprios. A multiplicação desses «Centros» seria o que, não cabendo nas forças de Danilo Dolci, melhor corresponderia à realização do seu ideário de acção social reformadora.

### III

O método da não-violência foi há pouco apresentado como um dos pontos capitais do pensamento de Dolci. A grande admiração que tributa a Gandhi e a adesão profunda ao tipo de revolução pacífica que aquele

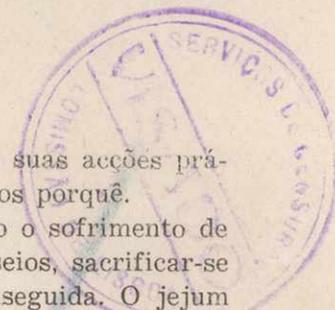
SERVIÇOS DE PESQUISA  
 (SEPE)  
 COPIADO

Provas remetidas à Censura

em 19/7/63

Prova n.º 34

Saída em 28/7/63



tanto desejou para a Índia, marcam indelévelmente as suas acções práticas de um cunho «exemplar», senão litúrgico. Vejamos porquê.

Como Gandhi, Danilo entende tomar para si todo o sofrimento de uma comunidade, representá-la na defesa dos seus anseios, sacrificar-se de corpo e espírito, para que a boa solução seja conseguida. O jejum que Danilo Dolci enceta como veículo de protesto e de impugnação perante a passividade da administração pública na ordenação dos trabalhos e da política de que dependem a vida dos sicilianos — sacrifício pessoal que por nove longos dias fez imobilizar, primeiro, de espanto e em seguida de comovida angústia os homens e as mulheres de Trapetto, só interrompido mediante promessas formais de retoma de iniciativas concretas de fomento e com o assentimento dos companheiros — causa a maior impressão na massa trabalhadora, pois ele é o primeiro gesto de pura simpatia que jamais viram num estrangeiro. A paralisia que corrompe os membros de Dolci, o estado de coma em que ele tomba nas últimas horas do jejum, o retrato de dor oferecido a toda a aldeia é o mais eficaz processo pelo qual conquista de vez o ânimo e a consciência de todos.

Aconteça o que acontecer, futuramente, Danilo nunca mais estará só; nem mesmo o facto de as promessas empenhadas junto ao seu catre não terem sido cumpridas, lhe retirará a posição de prestígio. Nem o facto de ser detido sem admissão de fiança, «por tendências criminosas evidentes», como argutamente ponderou a magistratura, lhe debilitará a sua sede de justiça.

Outro marco importante da sua obra de união cumpre-se na grande jornada reivindicativa em que centenas de pescadores vão acompanhá-lo num jejum de vinte e quatro horas, fundamentado na nula vigilância que as autoridades marítimas exerciam nas zonas em que a «pesca» à motor dizimava os recursos dos que a praticavam com aparelhos tradicionais. A recusa intransigente de Dolci em usar métodos violentos confere à sua personalidade um recorte de apóstolo e ressonância coral às massas por ele conduzidas<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Atenda-se a que os métodos não violentos não significam, em princípio, métodos ineficazes. Atenda-se às possibilidades de recusa de colaboração (atitude passiva) ou de impugnação de direitos (atitude activa — por exemplo, a «greve às aves-sas») que ficam latentes.

A inspiração do trabalho a partir de um Centro vem também de Gandhi. O Centro funcionará como aglutinador de interesses até aí nunca convenientemente enquadrados e, pela acção do convívio, do estudo

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

7

e do trabalho em comum, forjará os difusores necessários a uma obra que, sem perder potência, não poderá repousar num indivíduo, por excepcional que fosse.

A propaganda é a terceira grande fonte inspiradora dos métodos de Dolci. As atitudes exemplares para que frutifiquem necessitam de ampla difusão e aqui ainda Danilo segue as pisadas de Gandhi: procura alargar o centro de interesse dos problemas que o preocupam ao maior número possível de pessoas, as suas iniciativas contêm na base um germen que logo as identifica com os mais largos estratos populares, convida informalmente a visitarem os *Borghis di Dio* todos que nisso estejam interessados, pede auxílios de vária natureza e até em escala internacional. As grandes festas do Trabalho, como foram ditas as «greves às avessas», o jejum dos pescadores frente ao mar, o resultado dos estudos técnicos elaborados, tudo é lançado para o jornal, a revista, a rádio, a televisão, muitas vezes antecipando a realização dos objectivos.

Porque para Danilo Dolci a perspectiva revolucionária, de que faz ponto de honra, tem características originais.

A revolução tal como Danilo a concebe é *coral*, pois que, interessando a todos, não é feita em nome de um grupo, mais ou menos numeroso, mas levada a cabo num espírito de comunhão, em que implicitamente se não podem reconhecer inimigos. A ninguém Danilo reserva a execução e acredita sempre na eventualidade de uma viragem providencial que restitua aos que o perderam o sentido da verdade.

É *total*, porque nos será impossível pactuar com os males que afligem com o Homem, em qualquer grau. Interessa rever todas as situações criadas, compulsar cada instrumento utilizado, apercebermo-nos das causas dos fenómenos complexos, mover todas as alavancas de que dispusermos para a realização da Liberdade em todas as frentes. Porque todo o mal provém da escassez desse bem e a Liberdade realizará a justiça social.

É *aberta*, porque sendo nós homens de um condicionalismo social e histórico, de um certo tempo e de um certo lugar, não podemos forjar os instrumentos ideais para a transformação. Com os instrumentos imperfeitos de que dispomos realizaremos uma parte da tarefa, confiados em que se essa obra for boa e digna encontrará continuadores, por certo mais evoluídos do que nós. E a obra será boa e digna se à justeza dos fins aliar a conveniência dos meios.

Sintetizando o seu pensamento, Dolci construiu um decálogo de princípios, claros e harmoniosos como convinhã a uma larga divulgação. Ei-los:

8

REVISÃO DE PROVA  
CORTEADO  
(BIBLIOTECA)

Devemos trabalhar para construir uma sociedade que pertença verdadeiramente a todos.

Devemos começar por nos ocuparmos dos últimos, com ternura e atenção.

Devemos dar aos humildes as coisas mais elevadas.

Devemos participar para compreender.

Devemos ir constantemente para além do que possuímos ajudando os outros.

Devemos criar instrumentos de trabalho e de civilização para todos.

Devemos dar simpatia a todos, sem imaginar que alguém deva ficar perpétuamente isolado nos seus próprios erros.

Em toda a acção e toda a luta devemos utilizar o método revolucionário não-violento.

Nos casos extremos e nos momentos decisivos, devemos oferecer um sacrifício pessoal — por exemplo sob a forma de jejum — tomando cada qual para si todo o sofrimento humano.

Devemos promover reuniões e assembleias para criar um diálogo entre todos, sobre todos os problemas.

Dolci evoca a alienação que pesa sobre a grande massa; refere-se aos últimos<sup>5</sup> — aqueles que não chegam a ter uma vida normal, os fracos, os que a subalimentação torna semiloucos, as prostituídas, os explorados, as famílias dos presos e os jovens que correm o risco de seguir pelas vias do banditismo, os próprios bandidos, os iletrados — e clama: *Comecemos a trabalhar pelos últimos! É exactamente o contrário do que se faz*<sup>6</sup>; insiste na urgência de proporcionar aos humildes os

<sup>5</sup> Ler o texto de Aldo Capitini em *Danilo Dolci et la Révolution Ouverte*, cit.

<sup>6</sup> Ler Danilo Dolci, *Banditi à Partinico*, ed. Laterza.

mais requintados dons da cultura, dado que a dignidade intrínseca da pessoa está acima de quaisquer considerações económicas e de casta e que as situações de atraso mental se podem explicar facilmente por falta de oportunidades de estudo; nega representatividade ao planeamento económico e social que não se fundou na auscultação das necessidades das populações e não integrou na sua construção comissões regionais, ao menos consultivas, pois só se compreende participando e a participação por vezes obriga a sujar as mãos; apela para que ultrapas-



SERVIÇOS DE CENSURA  
 (SEDE)  
 CORTADO

9

semos a fase aquisitiva e que, perante a penúria, do semelhante concordemos em ceder-lhe algo do que nos é supérfluo; afirma o direito ao pleno emprego da mão-de-obra e cita a propósito com grande frequência o artigo 4 da Constituição republicana: *A República reconhece a todos os cidadãos o direito ao trabalho e cria as condições que tomarão esse direito efectivo. Todo o cidadão tem o direito de desenvolver, segundo as suas possibilidades e conforme a sua escolha, uma actividade ou uma função que contribua para o progresso material e espiritual da sociedade; afirma esperança na conversão dos mal-intencionados ou indiferentes; liga indissolúvelmente a natureza dos fins e dos meios, dizendo daqueles que subscreviam um apelo visando o reconhecimento à população dos direitos essenciais a toda a sociedade civilizada: Assinando, esses homens comprometem-se a nunca mais disparar um tiro; apela para o sentido estóico que uma disciplina interior deve reforçar dentro de nós; e finalmente, a partir das actividades do Centro, sublinha o carácter irrecusável que comporta para qualquer a tomada de posição em face dos mais graves problemas comunitários.*

Em suma: uma revolução operada pela dedicação e pela capacidade de convencimento que ela inspira. Fé em que a incompreensão de hoje seja a vontade atenta e vigilante do amanhã.

## IV

A obra de Danilo Dolci, plurifacetada como tem de ser toda aquela que postule a existência de uma comunidade original, tem inegável grandeza. Grandeza que lhe advém principalmente do concurso de duas razões — a de basear-se num sacrifício pessoal e a de esta provação ser assumida visando sempre a eficácia.

Com efeito, as boas razões (ou boas intenções) do exclusivo plano pessoal, isto é, voluntária ou involuntariamente desligadas de uma «praxis» social, são provadamente ineficazes no ponto de vista das transformações necessárias. A justeza do argumento, a capacidade de discernimento segundo um critério de equidade, a sobriedade sensorial, o equilíbrio de emoções, tudo qualidades em si altamente estimáveis, correm o risco de ser deterioradas, se lhes não corresponder um extravasamento das fronteiras cómodas do egocentrismo, uma participação num processo de aperfeiçoamento colectivo. E tanto maior será a deterioração experimentada quanto mais ajuda for a consciência de que há algo a fazer, temos uma tarefa e não somos dignos da sua altura.

Mas se em princípio há que contar com o sacrifício como eventua-

10  
 SERVIÇOS GERAIS  
 (SEDE)  
 CORTADO  
 SERVIÇOS DE PESSOAL

lidade, tudo nos convida a conferir-lhe o máximo de eficácia. É assim que o suicídio não passa de fuga cobarde, irresponsável, diante da vida que é luta. Na medida em que o sacrifício atinge um sentido, a craveira do acto imprescindível, ele justifica-se de pronto e surge, já não como manifestação doentia de uma «psique», mas como o mais fecundo e aglutinante dos meios a empregar.

Se a obra de Dolci reflete todas estas facetas, um ponto importante resta ainda por precisar. E é, a natureza daqueles que podem ser «engagés» na modelação das estruturas sociais. De acordo com o carácter «coral», que no número 3 definimos na acção de Danilo Dolci, a revolução pacífica dirige-se a todos sem excepção e qualquer um está apto a tomar parte nela, por razões que lhe pareçam os seus recursos, miniguadas as suas forças. Porque nesta luta antibélica os instrumentos estão à mercê do enfermo, do velho, do inculto e até a criança pode desempenhar um papel. Numa manifestação computa-se o total de intervenientes, sem procurar saber se são doentes ou sadios. O jejum dos pescadores de Trapetto estava dentro das possibilidades de quase todos os jovens, adultos e velhos. E assim por diante, para os variados tipos de tomada de posição activa ou passiva que se forem considerando.

Uma observação serena reconhecerá também limitações na aplicação prática do pensamento de Danilo Dolci, para além da «abertura» às futuras gerações de continuadores que é dele elemento fundamental. Em contextos de subdesenvolvimento económico e social importa reter tanto estas reservas como aquelas virtudes.

Danilo parte de uma concepção idealista da essência do Homem. A acção que preconiza será realizada por homens bem diferenciados mas que, no trabalho em Trapetto ou em Partinico, estão irmanados pelo mesmo anseio de comunhão e solidariedade. É essa a força profunda que move os companheiros de Dolci e lhes inspira a repulsa do método violento. Eles pretendem sem ferir transformar a vida social em novas estruturas compatíveis com a dignidade do Ser.

A exigência profunda que comporta o apostolado de Dolci, plena de autodisciplina, de desinteresse pessoal, de sacrifício «calculado», torna-o acessível no plano da adesão emocional e até consciente mas por vezes pouco prático na resolução de problemas.

Fundamentalmente a questão reverte para um plano de princípios — o trabalho útil de alma lavada ou de «mãos sujas»<sup>1</sup>. A formação

<sup>1</sup> Ver as palavras de Hoederer no livro de Sartre.

FRANCISCO DE GENSUBAL  
(SEDE)  
CORTADO

individual condicionará atitudes múltiplas, umas de identificação com a doutrina de Danilo, outras porventura divergentes.

A mesma concepção idealista preside à exigência de dar aos humildes as coisas mais elevadas. É sem dúvida um belo princípio, um belo enunciado de justiça social. Contudo há ocasião para nos interrogarmos acerca da viabilidade prática de prosseguir com escassos recursos uma tarefa no plano das necessidades fundamentais ainda insatisfeitas — a alimentação, o vestuário, a habitação, a higiene, a educação elementar e técnica, as obras públicas, o fomento agrário — e simultaneamente no da propiciação do contacto com as grandes criações do espírito. O próprio Danilo Dolci reconhece que «construir diques é um acto de cultura». Pois bem: até que ponto poderemos dosear a «cultura utilitária» e a «cultura desinteressada»? Que espécie de prioridades poderemos definir para esta última? Como é evidente, estas linhas não constituem mais do que um agitar do problema, que aliás não comporta resposta fácil e geralmente convincente.

O método de conferir publicidade às suas iniciativas é um ponto importante na ressonância que elas têm despertado na opinião pública italiana e internacional. Supõe ele, no entanto, um mínimo de disponibilidades em fontes de informação, nomeadamente imprensa, radiodifusão, televisão, genuínas e também possibilidades do exercício de direitos, como o de associação, reunião, etc. Onde a realização dessas condições não esteja razoavelmente assegurada, há sempre perigo de fracasso na acção empreendida.

Concluindo: Danilo Dolci empenha-se na superação do contexto social estagnado da Sicília, utilizando métodos originais no Ocidente. Que a sua obstinação sublime se converta em inspiração para as *élites* conscientes, é o mínimo que se lhes poderá pedir.

ALBERTO DO NASCIMENTO REGUIRA



22

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SECE)  
CORTADO

h

Provas de 45  
a  
63



M (matou) ou o diferendo sino-soviético

MOSCOVO, 14. *Era evidente, pelas caras das pessoas que faziam bicha diante dos quiosques dos jornais que os moscovitas não ignoravam que nas oito páginas do número especial do «Pravda» os esperava uma má notícia.*  
(F. P.; R.; A. N. I.)



1. Este assunto não é daqueles que se possa aqui papar como um figo. Quando muito chamar-se-á brandamente a atenção para o seu tamanho evocando, sem qualquer ironia, antepassados ilustres. Também será possível referir algumas angústias mais recentes, as quais angústias funcionam em sentidos opostos, lançando os contendores no fogo. Da sua existência resulta ter o conflito uma razão profunda de ser, para lá de algumas más vontades e quezilências eventuais. Finalmente, mas isto já na corda bamba, tentará dizer-se que a doutrina questionada talvez contenha em si uma explicação do que está a passar-se. Outras teorias contêm, evidentemente, outras explicações.

2. Assim é que os debates em torno de ortodoxos são tão velhos como os mais antigos textos sagrados. E, como se diz em direito, processam-se nos próprios autos do seu nascimento e subsequente destino. Não podem pois, desapensar-se da história geral para serem resolvidos definitivamente, em separado. Tanto tempo quanto dura a influência de uma doutrina no mundo, subsiste a questão de se saber qual é ela ao certo. E mesmo vice-versa.

3. De modo que as grandes ortodoxias, que são aquelas, mais duradoiras, a que corresponde algum enraizamento profundo em necessidades humanas, têm uma vida agitada mas também têm sete foles para a viver. Dir-se-á até, tanto mudam por fora com o correr dos tempos, que a ortodoxia é apenas e tão si a aparência das ortodoxias, que elas têm necessidade, para serem eficazes, de se apresentarem revestidas do manto de

SERVÍCIOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO



uma infalibilidade à qual contudo, no segredo dos gabinetes, piscam o olho. Não é que sejam, por essência, desonestas. São apenas históricas, necessitadas por isso de uma qualquer unidade que veicule até ao povo a sua verdade mais íntima.

4. Existem pois, na história das grandes ortodoxias, sucessivas unidades entremeadas de cismos, umas o outros precários, mesmo que de longa vida. Ocorrem os últimos quando a velha unidade deixa de coincidir — ou ainda não coincide — com as necessidades reais e são cismos esses que, a maior ou menor distância, precedem outro tipo de concílios. Cinco séculos depois de Lutero e da época trentina decore um sob o signo da união das igrejas. Este exemplo deveria, ao contrário de certas aparências, desencorajar os cépticos e os oportunistas.

5. E daí? Poderia decorrer destas anotações um, digamos, temperamento, apto a considerar «sub species alternitatis» todas estas coisas. Satisfeito então com o enunciado de vastas e afinal de contas fraternais perspectivas, a questão histórica que agora se discute havia de ficar fatalmente diminuída a seus olhos. Feitas essas contas consideram-se-ia que a história está destinada a repetir-se, que não interessa banharmo-nos num rio destes, tão previsível. Todos estes casos começam afirmando uns: eu é que sou fiel à pureza das fontes. Retorquindo outros: a fidelidade às origens consiste em as adequar aos tempos, eu é que sou fiel à pureza das fontes. E existindo de perneio engraçadinhos como o autor destas linhas a dizer: tudo isso é velho.

Mas não é assim. Estas analogias formais designam recipientes cheios da mais árdua elaboração do verdadeiro. E as discussões em curso têm por objecto uma transcendência que directamente se repercute sobre o destino imediato — amanhã inapelável — de imensa gente. Assim se instaura, e por isso, um limite a pré-estabelecidas e contempláveis harmonias que tentadoramente se ofereçam, despondo pelo contrário uma obrigação de querer e de agir — não só mas tam-

2  
SERVIÇOS DE CENSURA  
CORTADO



bém — em termos de contra-relógio. A paz nuclear parece estar de um lado e contra ela, do outro, uma fome e uma humilhação eternizando-se. A escolha é difícil, mas a compreensão desta dificuldade não desobriga de escolher.

7. Quando o debate é de marxismo é preciso ter em conta que, ao contrário de outros sistemas predominantemente votados ao espiritual e infindavelmente discutíveis, ele se quer totalmente terrestre, submetendo-se à prova dos factos. Seria falacioso pensar que esta prova dos factos é absoluta, tanto quanto é inútil julgar que não existe. Pode assim, com cuidado mas com verdade, dizer-se que Lenine teve razão contra Kautsky e contra Beinstene mesmo que Staline a teve contra Trotsky, não obstante este ter sido mais inteligente e mais humano. É uma razão que, do ponto de vista do marxismo, garante globalmente os passos que levaram até à Revolução de Outubro e desacredita os que conduziram até ao ajuste de contas social-democrata sob a República de Weimar, por exemplo. Aponta também para certa metodologia geral. Mas não dispensa de, a pretexto de fáceis analogias de situações presentes com situações passadas, se retomar o pensamento de acordo com toda a nova realidade. Pecado de dogmatismo seria não o fazer, de sectarismo, e doença infantil, dizem os russos, pecado chinês. Moscovo pretende que os seus opositores não tomem em conta os novos dados, que o tigre de papel está nuclearmente bem provido e que a coexistência pacífica como vem sendo entendida revela novos horizontes estratégicos e táticos. Com Togriatti que vai mais além ainda e para o qual a Constituição italiana parece ser o instrumento idóneo para a passagem ao Socialismo e com Tito que, um dia ou outro, poderá ver-se elevado à dignidade maior de precursor dos novos rumos, seria Kruchtchev o representante da ala moderna, do marxismo que subentende carácter inteligente e evoluído. A essa luz remeter-se-ão Mao, Teny Hsias Piaf e companhia à qualidade de Ottavianis

3  
SERVIÇOS DE CENSURA  
CORTADO



do dito, de homens do Santo Ofício em suma, e de primitivos por fim.

8. Por outro lado existe uma grande diferença entre o assumir dos novos dados de uma situação e o brandi-los com facilidade com que, na feliz citação do Prof. Paulo Cunha, se comem alfaces, a saber, folha a folha, sem nenhum rigor nem preocupação efectiva de se conseguir uma «démarche» ampla, profunda e coerente. Neste caso estar-se-á perante uma verdadeira carência do pensar conducente à deturpação do agir, ao compromisso oportunista, à perda do tutano revolucionário e à decomposição da consciência dos povos. Isto se diz na China, criticando vivamente o partido mais velho com o apoio de todos os clássicos. A cadência psalmódica dos enormes documentos do partido chinês não revela nada de novo em matéria de teoria pura marxista-leninista é certo, mas define uma estratégia conjunta que, ao contrário da dos seus opositores, propõe com clareza os sucessivos passos a dar, inclusivamente aqueles que arriscam embora tentando evitá-los um conflito nuclear a que os chineses, sem serem insensíveis, o são muito menos do que qualquer europeu. Ora em marxismo deve enunciar-se com clareza o que se quer fazer, nomeadamente no que se refere ao tema Estado e Revolução. As perspectivas vagas, dizem de Pequim, conduzem ao pior: oportunismo, reformismo, traição. Em declive.

9. São estes, em abreviado, os termos da contradição, violentamente denunciada de parte a parte com elementos de propaganda à mistura visando as simplificações eficazes. E parece, a julgar pelas últimas peripécias, que ambos julgam conveniente apressar e ostentar a ruptura, considerando-a apesar de tudo e como as coisas são o que são, benéfica para o prosseguimento das respectivas políticas. Como dizia alguém, há excelentes divórcios. Assim se concede ao mundo, por uma vez, o benefício de uma discussão aberta e mesmo talvez alguns outros, de ordem prática, na medida em que uma certa divisão de trabalho por este contencioso meio se efectue. Disso

4  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
PORTADO



poderão dar sinal, em breve, as conversações sobre o desarmamento nuclear e acontecimentos importantes no terceiro mundo, estes sob o impulso de Pequim.

10. Voltando ao debate de fundo sem mais tentar substituir a Pitia, parece-me útil recordar ainda algumas coisas. Tanto russos como chineses aceitam que as contradições de pensamento reflectem outras existentes na situação material que preeviste às ideologias. Por outro lado já o próprio Karl Marx esboçara umas linhas gerais do marxismo — fase local, fase nacional, fase internacional, etc. — que, tomando agora em conta a profunda diferença de infraestruturas existente entre os países do terceiro mundo e as restantes, pode levar a pensar que o acento tónico do marxismo tende a passar das classes para os povos, ou melhor, para os povos subdesenvolvidos como nova classe. E então compreender-se-á bem que numa sociedade a caminho da abundância — a soviética — seja difícil uma espontânea solihaja uma maior sensibilidade ao perigo nuclear, do qual, a Rússia é aliás um alvo muito mais designado do que a China. Há muito a perder. Pelo contrário a expectativa do prolongamento de situações desfavoráveis a benefício de uma paz que apenas renda pelo negativo — e é isso o que sucede a quem tem fome enquanto a tem — não entusiasma para a paciência. Nunca se disse que a fome fosse a favor da Paz. Mas uma guerra poderia prolongá-la.

11. Resta saber como não dizia o cego, porque o cego dizia a ver vamos. Resta saber mas, para os interessados, não há assim tanto tempo. A legitimidade da perplexão não dura aqui, como em parte nenhuma, indefinidamente. E a guerra, fria ou quente, a coexistência, mais ou menos pacífica, a fome, mais ou menos pertinaz, são expressões a ser preenchidas ou abolidas pelo conjunto dos homens. Esta nota, como se disse, a começar, apenas pretendeu salientar certas coisas.

M. L.

S  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

## A ERA DOS CONTINENTES

O momento em que tantos povos colonizados atingem a independência é também o momento em que não pode ser encontrada nenhuma solução a longo prazo no quadro de entidades nacionais de pequena ou média dimensão.

Neste ponto tem que se estar de acordo com François Perroux quando escreve que, tal como as velhas nações, os novos países subdesenvolvidos *não poderão sair das suas contradições senão aceitando a construção das suas economias em meios vitais mais largos, animados por polos de desenvolvimento funcionando num regime de despesas e benefícios em comum e constituindo no mundo regiões transnacionais.*

Ou, por outras palavras, a reivindicação nacionalista deve ser ultrapassada logo que for realizada. Alguns políticos franceses que se pretendem de esquerda, ou até socialistas, concluem que esta reivindicação vai contra a corrente da História. E isto porque se recusam a compreender que o desenvolvimento histórico é um desenvolvimento contraditório. E também por não quererem admitir que os agrupamentos do futuro serão muito diferentes dos do passado e que é preciso começar por anular uns para formar os outros.

Para que a divisão internacional do trabalho possa aproveitar a todos é preciso que nasça duma discussão entre membros relativamente iguais e dispendo de um mínimo de meios económicos. Querer obter em cada país uma gama completa de produções seria com certeza um absurdo: não é menos necessário que as infraestruturas industriais sejam criadas por toda a parte, mesmo se esta criação implica de início medidas excepcionais de protecção e de salvaguarda. Isto afasta uma acção económica apenas guiada pelo rendimento imediato e exclui igualmente uma política fundada na manutenção dos laços bilaterais entre países ex-colonizados e ex-colonizadores.

Durante a primeira metade deste século a divisão do mundo apresentou-se sob o aspecto duma série de teias de aranha cujos centros se encontravam na Europa, na América do Norte e no Japão. A guerra e depois os movimentos nacionais que marcaram o período de descolonização, destruíram estas teias. Apareceu então uma tendência que leva à formação de grandes conjuntos regionais agrupando países cujo nível económico é mais ou menos próximo. E ainda uma tendência mas a sua importância é decisiva.

Desembaraçando quadros geográficos suficientemente largos para proceder às indispensáveis transformações sociais e para criar polos autónomos de crescimento, os países subdesenvolvidos ou insuficientemente desenvolvidos de África e da América do Sul, do Próximo Oriente e do Sudeste asiático, encontrarão com efeito o caminho que lhes permitirá escapar à situação neo-colonial e abordar os problemas da igualização com muito mais peso.

Mas isso é apenas uma das consequências desta tendência para a constituição de grandes conjuntos. Isto não se manifesta apenas no Terceiro Mundo; vale também para as zonas industriais. Ou ainda, é na Europa que se afirma presentemente com mais clareza e mais força.

E há para isso razões históricas evidentes. As diferentes potências europeias que outrora dominaram o mundo, a pouco e pouco começaram a fazer figura de países pequenos diante dos colossos americano e russo. Resultou assim uma diminuição da sua influência política e uma redução da sua independência económica. O único meio de travar esta tendência era associar as nações outrora inimigas ou rivais e reunir assim os elementos dum complexo económico comparável ao dos Estados Unidos e da URSS.

Ainda que os projectos europeus só se tenham efectivado depois da Segunda



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SECE)  
CORTADO



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

2

Guerra Mundial e que tenham sido então encorajados pelo governo de Washington, deve-se procurar a origem destes projectos nas tentativas de aproximação feitas a seguir ao primeiro conflito mundial pelos dois grandes imperialismos continentais, o francês e o alemão.

Estas tentativas, que foram marcadas pela criação do *Conselho económico europeu* (Loucher, Theodore Laurent, Carl Bosch, Albert Voegler) e da *União económica e aduaneira europeia*, pela organização de cartéis franco-alemães e pela acção diplomática de Briand em 1929-1930, foram muito naturalmente dirigidas contra os imperialismos anglo-saxões. O aparecimento de Hitler acabou com esta primeira aproximação, mas é significativo que o chefe do nazismo tenha retomado o tema. Escusado será dizer que no espírito de Hitler a «colaboração» franco-alemã implicava a sujeição política de Paris a Berlim. No plano económico as coisas não eram tão simples e é interessante ler, a este respeito, as actas da comissão de armistício de Wiesbaden: aí discutem os representantes do capitalismo francês como vencidos, certamente, mas também como futuros associados.

A derrota alemã, seguida da divisão do antigo Reich, modificou a relação de forças e, em certo sentido, facilitou o fenómeno de integração económico-política que representa a Europa dos Seis. Quaisquer que sejam as desconfianças e os receios ressentidos de parte a parte, as burguesias «continentais» apenas tinham esse jogo a fazer. Os sucessos económicos que elas registam e que são devidos, sobretudo, às medidas de integração, confirmam a sua convicção. A Inglaterra aumenta esta certeza ao vir bater à porta. Porque a descolonização alterou os antigos impérios. A *Commonwealth* existe sempre mas está dividida por forças centrífugas. O Canadá, a Índia, a Austrália, a Nigéria, pertencem já a universos diferentes. A Grã-Bretanha já não pode falar em seu nome. Ela tinha ainda o terceiro lugar no mundo. O Mercado Comum afastou-a para quarto e em breve a China e o Japão a farão recuar para quinto e depois para sexto. Uma vez que foi impossível impedir a Europa, é preciso fazer parte dela.

Mas o que é que vai acontecer a esta Europa? Lógicamente uma terceira força. Praticamente uma aliada dos Estados Unidos menos submissa, mais turbulenta e mais empreendedora. Porque se De Gaulle e Adenauer, que trazem no fundo do coração o velho ressentimento dos Franceses e dos Alemães em relação aos Anglo-saxões, sonham com o dia em que a Europa será totalmente independente da América, as burguesias que os mantêm não se deixarão nunca ir até ao fim deste caminho. Porque elas estão muito ligadas à protecção que lhes fornece a aliança atlântica, quer contra a potência soviética quer contra os próprios sobressaltos dos seus povos. Por outro lado repugna-lhes afastar para lá de certos limites o esforço da integração. O que se passa no interior de cada país tem a sua repercussão sobre o próprio plano europeu: procura-se canalizar e regulamentar uma evolução natural e não se pretende impor uma planificação verdadeira. Então, os progressos económicos não suprimem as contradições existentes; tendem mais a agravá-las. O fosso abre-se entre as regiões altamente industrializadas (Ruhr, Paris, planície do Pó, etc.) e as zonas menos favorecidas (Oeste e Sudeste francês, Sul de Itália, Wallonia, etc.). A construção da Europa começou com a sedução do capitalismo mas este é incapaz de fazer face a todas as suas implicações e de a levar até ao seu termo.

E aqui que outras correntes do pensamento europeu tem a sua grande oportunidade. Com a condição, bem entendido, de renunciar às atitudes incoerentes que hoje lhe são próprias.

O objectivo dos Estados Unidos da Europa era, antes da guerra de 1914-1918, aceite pelo conjunto das tendências socialistas, a começar pelas suas tendências revolucionárias. Sem dúvida que a propaganda soviética insiste muitas vezes num

artigo publicado por Lénine em 1915 onde é abertamente preconizado o abandono. Mas para abandonar qualquer coisa é preciso tê-la tido. O comité central do partido bolchevista pronunciou-se efectivamente pela palavra de ordem dos «Estados Unidos da Europa» considerada como uma «palavra de ordem política imediata». Mas depois de pensar nisso Lénine achou a fórmula perigosa e ambígua. «Na actual base económica, dizia ele, quer dizer, num regime capitalista, os Estados Unidos da Europa significariam uma organização da reacção com vistas a conter o desenvolvimento mais rápido da América e um entendimento para a distribuição das colónias».

É pois a uma Europa capitalista que Lénine põe as suas reservas, não contra a própria unidade europeia. É assim que mais tarde os bolchevistas lançarão a famosa palavra de ordem, dando-lhe desta vez todo o seu conteúdo socialista e revolucionário. A *Prova* de 30 de Janeiro de 1923 (e Lénine ainda vivia) lembra a necessidade de ligar a perspectiva de instauração de novos «governos operários e camponeses» à dos Estados Unidos da Europa, porque «bloqueada pela América capitalista e talvez mesmo no princípio pela Grã-Bretanha, a Europa operária e camponesa poderá manter-se e desenvolver-se na base duma união militar e económica estreita de todas as suas partes». Em 1924, Trotsky (que nessa altura ainda não tinha caído em desgraça) precisará assim esta atitude: «A social-democracia procura cada vez mais aterrorizar o proletariado com o espectro da América, poderosa, benfeitora, mas ao mesmo tempo ameaçadora. Os operários devem compreender que uma Europa unida é perfeitamente capaz não somente de viver, no ponto de vista económico, mas ainda de se defender numa luta aberta contra a contra-revolução americana. Quando falamos duma Europa unida temos em vista uma república soviética federativa europeia, indissolúvelmente ligada à URSS e através desta aos países da Ásia.»

Não fiz estas citações com a finalidade de opor «textos sagrados» a outros «textos sagrados». A situação dos anos 23-24 tem poucas relações com a que vivemos hoje. Os bolchevistas esperavam então o desencadear de uma nova crise revolucionária na Alemanha que lhes teria permitido quebrar o seu isolamento e dar um segundo sopro de vida ao jovem estado que acabavam de construir. É simplesmente significativo que eles tenham sonhado, nestas condições, em retomar a ideia dos Estados Unidos da Europa. Isto prova como esta ideia não pode ser considerada como propriedade dos políticos que estão na origem do Mercado Comum. A verdade é que existe desde há muito tempo um problema histórico que a evolução destes últimos quinze anos fez amadurecer mais rapidamente. E este problema pode receber pelo menos duas soluções: uma é a que tentam actualmente dar-lhe os governos ocidentais e outra é a que devia poder ser lançada pelo movimento operário europeu.

Este ainda está muito ligado ou a uma atitude pura simples de «Maria vai com as outras» em relação a uma Europa atlântica ou a uma posição de recusa em relação a qualquer perspectiva europeia. E que a cisão operada há mais de quarenta anos no seu seio coincide hoje com a divisão do mundo em dois blocos hostis. A maior parte dos partidos sociais-democratas escolheram o campo do «mundo livre» que é afinal o do mundo capitalista. Mais do que correr o risco de favorecer a expansão do comunismo, preferiram contribuir para a consolidação da sociedade que tinham jurado derrubar. Quanto aos partidos comunistas eles apenas viram a necessidade de manter uma Europa Ocidental dividida face a uma Europa Ocidental unificada. Tudo o que parecia susceptível de aproximar os países deste continente era considerado como um atentado directo à segurança da URSS.

Onde estas tendências se manifestam mais claramente é em França. Guy Mollet tem por suspeito tudo o que afaste a Europa da América, enquanto que Maurice Thorez se mostra, a propósito do Mercado Comum, mais intransigente que o próprio Kruchtchev. E no entanto a história destes últimos anos está dominada pelas brechas



3  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

que se abriram no interior dos dois blocos. Os Estados Unidos, tão imperiosos no tempo da primeira crise de Berlim e da guerra da Coreia, têm que se acomodar com a crescente autonomia dos outros Estados. E a URSS, tão ciosa da sua autoridade sobre o conjunto do mundo comunista, foi obrigada a realizar compromissos com a China e a tolerar, depois do cisma jugoslavo, a insubordinação da Albânia. O «poli-centrismo» de que falava Togliatti torna-se cada vez mais uma realidade. Visto isso, então, porque não nos preocuparmos com aquilo que pode vir a ser o «centro» europeu, independentemente do polo americano e do polo soviético?

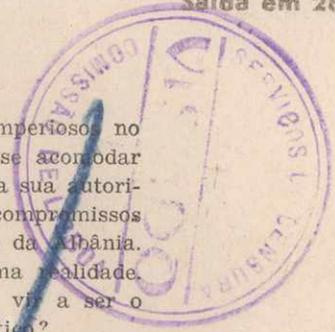
Sei que existem pessoas para quem esta preocupação é escandalosa. «Bonito internacionalismo, dizem eles, esse que se limita às fronteiras dum continente ou até a uma fracção do continente! Sentimo-nos tão solidários do trabalhador brasileiro ou do fellah egípcio como do operário italiano ou do empregado suéco.

Não queremos ajudar a Europa a tornar-se ainda mais forte do que ela já é. Devemos agir em favor das nações proletárias e não em favor das nações que durante tanto tempo oprimiram o resto do mundo. «Este raciocínio abrange muitas vezes comportamentos individuais que merecem respeito; politicamente vai dar ao vazio. A História não é um melodrama edificante em que os povos pobres e inocentes se vingam dos povos ricos e mau e não se vê por que motivo uma Europa fraca impede a solução dos problemas do sub-desenvolvimento. O verdadeiro problema consiste em saber como se poderá construir um dia uma sociedade mundial. Não vejo que se possa atingir isso sem se passar primeiro pela etapa das uniões continentais e sub-continentais, quer dizer sem reunir em primeiro lugar as nações que atingiram um estado de evolução idêntico.

Afasta isto o risco de ver perpetuadas as antigas opressões? Com certeza que não: mas este risco *depende do conteúdo do agrupamento e não da sua forma*. Uma Europa capitalista continuará a dominar a África e dominá-la-á tão mais facilmente quanto esta está hoje dividida numa série de pequenos estados. E eis porque o internacionalismo implica que favoreçamos a reunião dos países daquele continente em vastas federações capazes de fazer face às pressões exteriores. E isto não nos impede de formular ao mesmo tempo os nossos próprios objectivos sobre a Europa.

«E não se receia, perguntar-se-á, comprometer as possibilidades de coexistência?» Os que fazem perguntas como esta pertencem a uma categoria de homens que os marxistas designaram uma vez sob o nome de «pacifistas burgueses». Todo o seu cuidado consiste em evitar a guerra. Nisto exprimem os votos dos povos do mundo inteiro que encaram com terror a possibilidade de um conflito atómico. Mas a maneira como estes homens concebem a manutenção da paz é bastante singular. Para eles tudo se resume numa questão de moderação e de bom-senso. Há loucos e fanáticos em Washington como em Moscovo: mas há também pessoas sensatas e é preciso ajudar estes a dominar aqueles. Mas como? Aconselhando-os a contrair compromissos que conduzam mais ou menos à situação actual. E se esta situação se modifica? Então é preciso apressar a assinatura de um acordo que garanta o novo estado de coisas. Os nossos pacifistas não percebem que ao actuarem desse modo estão a encher de zumbidos inúteis as manifestações de propaganda organizadas pelos dois campos.

Porque a luta que opõe a Rússia soviética à América capitalista não pode ser reduzida às dimensões duma querela entre homens razoáveis e homens não razoáveis. Esta luta comporta necessariamente fases de tensão e fases de acalmia, mas o seu ponto de aplicação é a oposição de duas potências, dois sistemas, duas políticas e os compromissos que assinalam as etapas são sempre o resultado duma certa relação de forças e não o fruto de conselhos dados por homens de boa vontade.



MEMBROS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 24/7/63

Prova n.º 59

Saída em 28/7/63



É verdade que no estado actual desta relação de forças as modificações trazidas ao *statu quo* pela URSS e pelos Estados Unidos são apenas modificações de fraca amplitude. Mas estas modificações não dependem apenas da URSS e dos Estados Unidos. A história do mundo moderno não se limita à história da coexistência. Revoluções e contra-revoluções vão amadurecendo, transformações sociais aparecem, os povos aspiram à libertação. Os dois campos observam estas alterações e condenam aquelas que os prejudicam. E todavia não é possível impedir sempre que as alterações se realizem. Estaline renunciará a esmagar Tito e Kennedy hesitará diante dum novo ataque contra Fidel de Castro. Mas em compensação, os húngaros e os guatemaltecos pagarão bem caro as suas tentativas de independência.

Que preconizar então? A manutenção do *statu quo* com todas as injustiças que ele comporta? Ou a destruição deste *statu quo* com todos os riscos que isso implica? E para estas perguntas há tantas respostas quantas as situações particulares. É evidente que não podemos ficar pelo único princípio da coexistência e que não se deve mesmo subestimar o perigo que uma iniciativa qualquer faria correr à paz.

Mas existe talvez um caminho que permite reduzir sensivelmente este perigo, senão em todos os casos pelo menos na maior parte deles, e este caminho é o neutralismo. Os dirigentes do bloco atlântico e também os do bloco soviético reagem com furor quando um país ameaça passar dum campo para o do adversário. Mas o seu comportamento é necessariamente diferente quando o país proclama apenas a sua vontade de permanecer desligado dos dois blocos. As nações do Terceiro Mundo executam esta fórmula a partir da ideia do *não-compromisso* (*non-engagement*). Ora o que é verdade para estas nações será também para os países da Europa quando se lhes colocar o problema da passagem ao socialismo. Se esta passagem é acompanhada por um endurecimento no bloco dominado pela URSS então os riscos dum conflito serão enormes (e foi esta hipótese que paralisou os partidos comunistas francês e italiano a seguir à guerra). Se conduz à formação duma federação independente de Moscovo e de Washington, as coisas apresentar-se-ão a outra luz.

E aí termina verdadeiramente a comparação entre o que pode vir a acontecer na Europa e o que já aconteceu num certo número de pequenos estados e de países subdesenvolvidos. Estes tinham antes de tudo necessidade de assegurar a sua independência e de criar outros laços fora daqueles que os uniam aos seus antigos dominadores. Mas a Europa não está neste estágio. *Ela não é um ponto fraco do mundo, é um dos seus pontos mais fortes.* A perspectiva histórica que se lhe abre não é a de viver dividida, pobremente, à margem dos grandes, mas de ser, graças à sua união, um dos grandes ao lado dos Estados Unidos, da União Soviética, ou da China, na esperança que outras federações se formem na América do Sul, África e Ásia meridional.

Mas não é utópico, pergunta-se-á então, imaginar que os países da Europa ocidental se envolvam todos no caminho do socialismo? Não haverá sempre países politicamente avançados e países politicamente atrasados, este impedindo aqueles? E não será melhor, nestas condições, conservar uma independência nacional que permita a liberdade de acção?

E esta é de facto a objecção principal que toda uma parte da esquerda — e não apenas a que tem influência no partido comunista — faz à ideia da união da Europa. Os homens que compõem esta fracção da esquerda vivem debaixo das impressões de 1936 e de 1945. A França viu nesses anos o aparecimento de grandes vagas populares. E portanto nenhuma dúvida, pensam eles, que se renovarà o passado: só será preciso que os alemães, os belgas e os italianos nos dêem as mãos e nos impeçam a nossa revolução.

5

SERVIÇOS DE CENSURA  
CORTADO (SEDE)

Que a Frente popular e as alianças a seguir à guerra não tenham produzido qualquer desfecho revolucionário, que os resultados desta experiência sejam afinal comparáveis aos obtidos pelo trabalhismo inglês, que o movimento operário francês tenham sofrido uma das derrotas mais pesadas que se possa imaginar, que as novas gerações estejam cada vez mais insensibilizadas à linguagem que este movimento continua a oferecer-lhes; eis o que não impressiona os nossos homens formados numa tradição jacobina e absolutamente persuadidos da superioridade da esquerda francesa sobre todas as outras esquerdas europeias.

E aqui está, na época do gaulismo, uma das mais vistosas manifestações do velho nacionalismo francês, que continua a ser, numa larga medida, um nacionalismo de esquerda porque fundado sobre a tradição da grande revolução. Da mesma maneira que não se podia descobrir atrás da recusa, de numerosos militantes socialistas, de reconhecer a legitimidade da reivindicação argelina, pela ideia de que nada era superior à qualidade de cidadãos da república «una e indivisível» e que portanto nada de melhor poderia acontecer a um africano — árabe ou negro — do que tornar-se pura e simplesmente francês, assim também se descobre agora, atrás da recusa de certos comunistas e de certos progressistas, em admitir a necessidade da unidade europeia, as velhas noções do eterno perigo germânico, a útil divisão da Alemanha e finalmente a boa aliança soviética. E é assim que se mistura o patriotismo ridículo e a aspiração revolucionária.

Não ignoro que este patriotismo ridículo encontra alimento favorável numa certa realidade. Não sou daqueles que esqueceram o hitlerismo, a guerra, a ocupação e tenho muitas desconfianças em relação ao estado de Adenauer. Mas sei também que nenhuma modificação favorável se produzirá na Alemanha nem em parte alguma se se continua a voltar as costas ao futuro e se insiste numa política que não corresponde mais à situação da segunda parte do século XX.

Será necessário começar pelo princípio, isto é, por lutas sociais à escala europeia e não à escala nacional. No dia em que, para obter uma mesma redução da jornada de trabalho ou para igualar «por cima» os regimes de segurança social ou ainda para defender uma reivindicação comum aos diferentes ramos dum trust internacional, os trabalhadores dos diferentes países se manifestarem em conjunto, nesse mesmo dia terá sido dado um passo decisivo.

É apenas a partir deste momento que a presença dos representantes das organizações operárias nas comissões do mercado comum poderá ser uma presença efectiva. É apenas a partir desse momento que as organizações estarão em condições de utilizar as contradições que se afirmam no seio da coligação capitalista. É apenas a partir desse momento que será possível estabelecer um programa coerente e até de fazer aparecer, em face da Europa dos cartéis e dos governos reaccionários, a imagem de uma outra Europa, uma Europa que será capaz de abordar os problemas que as burguesias deste continente deixam sem solução.

É tanto mais necessário passar por esta primeira etapa — organização das lutas sociais à escala europeia — quanto, de momento, toda a compreensão que ultrapasse o domínio sindical parece excluída. Pode-se imaginar que, depois de bastantes obstáculos intransponíveis, a CGT francesa e a CGIL italiana, concluem sobre um objectivo imediato, acordos com as centrais alemã, belga, inglesa, holandesa e também com os sindicatos cristãos. Não se concebe que isto se possa passar entre os partidos comunistas e sociais — democratas da Europa. E no entanto é a isso que se chegará um dia: compreender-se-á, então, que o quadro europeu é o único que permite a aproximação das diferentes fracções do mundo operário.

Os partidos comunistas francês e italiano repetem infatigavelmente que estão



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

determinados a fazer uma política autenticamente nacional. Mas ao dizerem isto não tranquilizam ninguém. Toda a gente sabe que no termo duma certa evolução o melhor meio de realizar esta política será, para eles, de levar a França e a Itália a juntarem-se ao bloco soviético. E isto não é totalmente despropositado pois que, como vimos, a construção do socialismo não se pode fazer num contexto puramente nacional. Mas esta saída é precisamente a que repudia a maior parte dos trabalhadores europeus, exceptuando talvez a hipótese duma nova guerra mundial. E assim só há para os partidos comunistas um meio de vencer o seu isolamento e uma garantia a dar, é aceitar um quadro em que se possa construir o socialismo fora do controle e do domínio da URSS.

Para fazer desaparecer as hesitações implicadas pela perspectiva da frente popular, Maurice Thorez declarou em 1935 que era «em Paris e não em Londres, Berlim ou Moscovo» que se tinha de decidir a sorte do povo francês. Hoje é preciso substituir a fórmula «em Paris» pela fórmula «é na Europa e não em Washington ou Moscovo».

Uma última questão surge, pois. Falando da Europa como um dos três grandes, não prepararemos uma nova política de opressão, uma nova corrida selvagem aos armamentos? Esta ameaça existe efectivamente. E por isso é preciso, sem ambiguidade, tomar posição neste ponto. As razões dadas pelos pacifistas não me convencem nada. Qualquer que seja o carácter duma guerra moderna, um Estado ou um grupo de Estados revolucionários tem o dever de se preparar contra os riscos duma intervenção exterior. No domínio dos princípios não tenho nenhuma objecção a fazer à organização duma defesa militar comum destes Estados. Na hipótese duma vitória socialista na Europa o problema apresentar-se-ia duma maneira bastante inédita. Um certo «equilíbrio de terror» foi realizado entre o bloco americano e o bloco soviético. Afastando-se geográficamente destes dois polos de destruição, consolidar-se-ia a paz; criando um terceiro polo far-se-iam nascer incontestavelmente novos receios e novas tentações. Seria tanto mais absurdo criar estes riscos quanto o interesse dos países da Europa socialista e d'outros, sobretudo medidas que evitassem eventuais tentativas de rebelião armada, o que significa que as estruturas militares herdadas do período burguês e atlântico devem ser reformadas de alto a baixo. Enfim, o interesse destes países conduzi-los-á igualmente a tomar a iniciativa dum aumento massivo de ajuda aos países subdesenvolvidos. Ora não se pode considerar este aumento senão na perspectiva duma redução das despesas de guerra e dum começo de reconversão da indústria dos armamentos, o que põe de resto outros problemas difíceis.

E aqui encontramos, com as suas respostas, as perguntas que fazíamos no fim do capítulo anterior:

- 1.º—O caminho que leva à planificação da economia mundial passa pela constituição de grandes unidades supranacionais. Como reconheceu o próprio Krouchtchev, chegará o momento em que se discutirá não de Estado para Estado mas de união para união.
- 2.º—Esta evolução está estreitamente ligada com a extensão das zonas de descompromisso (*desengagement*) e com a realização do desarmamento. Por que é aí que se encontra uma das chaves duma verdadeira política de luta contra o subdesenvolvimento.
- 3.º—O desarmamento e o auxílio económico aos países economicamente atrasados devem ser os dois temas essenciais da Europa de que falámos.

GILLES MARINET

78



EX SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

## TEXTOS DE DANILO DOLCI

*«Trabalhar depressa e bem, porque há gente a morrer»*

SERÁ preciso, para lhes dar auxílio, esperar que, loucos de fome e miséria, se revoltam? Eles são também filhos de Deus, irmãos nossos; que esperamos para os ajudar a encontrar um trabalho que dê de viver às suas famílias? Será preciso esperar que vão para o sanatório ou para a prisão, ou que sejam cofados pelas balas da Guarda?

Se forem aos serviços públicos, o funcionário X ainda está de férias, o secretário particular Y ninguém sabe onde pára. E há quanto tempo não há ninguém para os substituir? Os contínuos são como cães de guarda preguiçosos que velam pelo sossego dos donos.

No entanto, é preciso comprar azeite, tomate, farinhas para essas crianças abandonadas até hoje e ainda hoje esfomeadas. Quem tratará disso? Não têm cama, não têm colchão, não têm lençóis. Quem tratará disso? É preciso comprar fraldas para os mais pequenitos, se quisermos que andem limpos; garfos e colheres, se quisermos que não comam com as mãos; lápis, canetas e papel, se não quisermos que fiquem sempre semiembrutecidos. Quem tratará disso?

Drappetto, 14 de Outubro de 1952.

Queridos amigos:

Sou um pecador, mas o Senhor é testemunha de que tudo o que há em mim de mais vivo não aspira a mais do que morrer para que todos vivam.

Vem a chegar o Inverno à nossa terra, de Montelepre a Balestrate. Há séculos que o banditismo, a fome, a falta de higiene, a ignorância mantêm a maior parte dos nossos irmãos num estado muito doloroso; mas quando volta o Inverno, para muitos, para quase todos — e não em casos isolados, como noutras terras — a vida



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remeidas à Censura

em 24/7/63

Prova n.º 63

Saída em 28/7/63



torna-se uma agonia penosa.

No último Inverno, vi com os meus próprios olhos um recém-nascido morrer de frio e de fome, um caso entre centenas e centenas doutros terríveis: crianças que não podíamos curar, porque não havia dinheiro para os remédios; pais esverdeados pelo jejum e pela dor de verem os pequenos com fome; pobres velhos de setenta anos e mais, obrigados a passar toda a noite no mar na esperança de trazerem alguma coisa; viúvas sós para alimentarem um rancho de filhos; doentes no hospital que deixavam os seus numa casa vazia, privados de tudo; pais presos por terem ido buscar à fazenda dos outros o alimento das suas famílias, que de seu não tinham nada (e como os filhos se arrepejavam de ver o pai entre ferros!).

Nós podemos impedir que estes miúdos deixem a escola aos sete ou aos oito anos para ajudarem o pai.

Nós podemos, em muitos casos, evitar que as prisões se encham.

Nós podemos evitar que a morte reine.

Há algum de vós que dê murros a um homem para o curar duma pneumonia?

Há, para com esses homens nossos irmãos, um pecado de omissão de que nos devemos arrepender e resgatar. É um acto de amor a realizar já, para sua e nossa salvação.

É preciso agir imediatamente. Para os extremos males, extremos remédios. Quero fazer penitência para que todos se tornem melhores. Antes que algum outro pequenito morra de fome, sou eu que quero morrer. De hoje em diante, não comerei mais, enquanto não recebermos os trinta milhões necessários para dar trabalho imediato aos mais carecidos e uma ajuda urgente aos que não podem trabalhar.

Quando vemos alguém disparar contra uma criança e quando se não pode fazer outra coisa, não devemos atirar-nos para a sua frente, para a salvar?

Há um riozito que vai perder-se no mar. Começaremos também trabalhos de rega para transformar em hortas e pomares a terra quase estéril à força de tantos meses de seca.

Imediatamente. Não podemos esperar. Esperar significa a morte de outras vítimas.

Se, comigo vivo, o amor não for bastante, restará o remorso depois.

A vos, em Deus.

DANILO

2  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



## O DESPREZO DO CORPO E ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

*O homem salva-se com o seu corpo, e não contra ele.*

EMMANUEL MOUNIER

QUANDO observamos a situação particular da Educação Física, nos programas escolares, forçosamente nos apercebemos que ela não desfruta das mesmas vantagens e considerações atribuídas às manifestações ditas morais, intelectuais ou culturais. A hierarquia ou a importância educativa que lhe é concedida, ao nível formativo da escola, nem de longe corresponde ao interesse revelado pelos alunos, o qual é sempre o factor principal da educação.

E tudo isto porquê?

E porque razão o problema revela gravidade especial entre nós, sabendo-se, por exemplo, que nos liceus portugueses, há, actualmente, menos aulas destinadas à Educação Física do que há 30 anos, ao mesmo tempo que aumenta a protecção ao espectáculo circense do profissionalismo desportivo, dirigido às grandes massas de espectadores sedentários? E porque razão os professores actuais das actividades gimno-desportivas, não obstante o curso superior que legalmente os habilita, não estão equiparados aos outros agentes dos vários grupos do ensino secundário, ao invés, também, do que já sucedeu, há três dezenas de anos atrás?

Se tem algum interesse para a Nação o conhecimento da diminuição das qualidades físicas da nossa Juventude — fenómeno facilmente verificável no constante abaixamento dos mínimos das provas atléticas dos exames de admissão à Escola Naval e à Academia Militar —; e se, por outro lado, toda a pedagogia se fundamenta numa filosofia, como é o caso, talvez tenha algum interesse tentar-se uma primeira resposta. Resposta, aliás, que se adianta a simples título de sugestão a um diálogo necessário.

Um dos factos mais relevantes e que melhor caracteriza o homem é a atitude que ele toma em relação ao seu corpo. O valor que lhe atribui, a importância que lhe concede ou a recusa que lhe levanta, resumem toda uma posição fundamental e decisiva na sua própria definição.

Que a história do pensamento não tenha feito dele um verdadeiro centro de meditação ou estudo, em vez duma preocupação lateral, é já uma indicação preciosa, muito embora o seja fundamentalmente negativa. Porque negativa é, realmente, a posição que o homem toma, ao objectivar o conhecimento do seu corpo.

74  
94

COMISSÃO DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



Se o homem chamado primitivo é um ser bem integrado no conjunto da sua existência, o mesmo não poderá afirmar-se quanto ao homem dito civilizado. O esforço de análise deste possibilitou-lhe um admirável progresso material, mas não evitou um divisionismo de consequências lamentáveis, e até hoje não vencido. Uma dessas consequências diz, exactamente, respeito ao corpo. A partir de determinado estágio da evolução humana, há como que um desdobraimento, uma divisão profunda e antagónica, a opor o que se chama «espírito», «alma» ou «razão», ao abstracto «corpo» que o liga à «matéria»...

A atitude clássica do homem, em relação à diversidade, contingência e degradação do corpo é particularmente visível nos movimentos filosóficos extremistas que, muito curiosamente, se identificam na aversão que lhe testemunham. Quer as doutrinas que, genericamente, designaremos de espiritualistas ou idealistas, quer as doutrinas que, também genericamente, designaremos de positivistas ou materialistas, têm como explicação finalista que a morte é o desaparecimento ou a destruição do corpo. Tanto para aquelas como para estas, o corpo é o que morre e desaparece. Na realidade, o limite doutrinário que as separa é o da existência e da subsistência da alma, e o que as identifica é a profunda convicção do aniquilamento corporal. Para alguns, quando o corpo morre, a alma liberta-se e purifica-se para a eternidade; para os outros, o espírito, como epifenómeno da matéria, desaparece com esta e para sempre. Todos proclamam o primado do espírito, embora lhe atribuam valores desiguais, e todos revelam nessa hierarquia a subalternidade e indignidade corporal.

Através da abstracção e do pensamento reflexivo, o homem tem estudado e dominado a matéria (o mundo que lhe parece exterior), pela descoberta das suas leis, mas não conseguiu a vitória da «libertação» total. O seu corpo mergulha por inteiro na natureza, e desta depende em todos os segundos da sua existência. Tais limitações, pelo que têm de dependência e de contingência, constituem uma fonte permanente de sofrimentos e decepções para o orgulho da razão humana. Daí a revolta contra o aviltamento da matéria, da qual o corpo é formado, e através do qual subsiste.

A sua diferenciação biológica tem-no levado ao maravilhoso do progresso e das vitórias admiráveis. Todavia, as descobertas mais notáveis e exaltantes têm servido, igualmente, para reconhecer a sujeição extrema das fontes materiais que permitem a vida do corpo limitado que ele é.

Orgulhoso e ressentido, o homem desintegrado e dividido contra si

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

próprio e contra o mundo que o envolve, não consegue vencer e ultrapassar a terrível angústia que o domina. Porque a sua aspiração mais profunda é a independência perfeita e absoluta, no esplendor da juventude e da imortalidade. Este desejo, que é toda a tragédia humana, exprime-se na inquietação mais insuportável. O obstáculo à felicidade é o corpo. É ele que envelhece. É ele que morre. A hostilidade que lhe manifestamos demonstra-se na quase totalidade dos actos da vida. O corpo é o que falha.

As incomodidades provocadas pela vida começam antes do nascimento, no condicionalismo do ventre materno, e prolongam-se, depois, nas «humilhações» da alimentação, respiração, dor, doença e morte. Os cheiros, os excrementos, as unhas, o suor, etc., são outras tantas causas de frustração. A contemplação das vísceras dos animais e dos homens são motivo de nojo, pela evocação ou lembrança da nossa constituição e fragilidade. O temor pavoroso do envelhecimento, com todo o seu terrível cortejo de angústias, é considerado uma falta ou insuficiência do corpo. Qual é o homem que, olhando para si, não se considera com piedade, tristeza e revolta, ao ver as transformações constantes que o arrastam à incapacidade total, à eliminação progressiva, ao aniquilamento, à morte?

Mesmo a sexualidade, passada a momentânea satisfação dos sentidos que resulta da «fraqueza» da carne, é encarada por muitos com verdadeira hostilidade. A ingerminação é apenas um «excremento» que se liberta, na subordinação dos «instintos» que diminuem o orgulho dos que se pretendem fora e acima da animalidade.

Se o ressentimento do corpo é mais visível na mulher, tal facto se deve à desconsideração social que, desde sempre, lhe tem sido testemunhada. Porque, velada ou expressamente, a mulher é, no consenso humano, um corpo menos apto e menos digno, e como tal condenado a viver na limitação e ingeriosidade do sexo e das tarefas domésticas. E se, na satisfação das exigências do sexo, o corpo feminino é a presa disputada, ele é, também, e por isso mesmo, considerado como o próprio pecado, ou a materialização autêntica do demónio. Por causa do seu corpo, a mulher se tem recusado a totalidade ou a perfeição dos direitos e dignidade humana. Em pleno século XVII, ainda se discutia, no Concílio de Trento, se as mulheres tinham ou não tinham alma...

Outro sinal da hostilidade a aversão ao corpo é o da oposição entre as gerações. O facto dos mais idosos (não forçosamente velhos decrepitos, mas pessoas ainda válidas e experimentadas) já terem vivido a juventude, e de os mais novos saberem, por antecipação, que um dia serão velhos, nunca facilitou as relações indispensáveis a uma boa colaboração

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



3



familiar e social. Uma das razões, talvez a maior, desta incompatibilidade deve residir no ressentimento do velho, causado pela diminuição das suas qualidades físicas, agora visíveis e invejadas no corpo dos jovens, e no desprezo e apreensão que estes evidenciam, perante o declínio físico daqueles, e que um dia sentirão também.

O conhecimento objectivo e racional dos problemas da vida não constitui um elemento bastante para ajudar a geração mais idosa a compreender os jovens. O ressentimento da juventude perdida é motivo demasiado forte para impedir a desejada aproximação, e manifesta-se claramente numa argumentação depreciativa, que pretende invocar razões. Por outro lado, a generosidade juvenil não transparece na reacção dos que se vêem e sentem incompreendidos. A violência das suas manifestações vem impregnada dum expressivo sentimento de poder e superioridade física.

O racismo é uma das mais típicas manifestações do despeito do homem pelo seu corpo. As raças denominadas inferiores são, exactamente, as classificadas ou julgadas mais perto da natureza ou dos animais, por desvio ou insuficiência intrínseca. A circunstância das pessoas de «cor» atingirem, ou ultrapassarem, a média moral, física e intelectual da raça «branca», sempre que dispõem de iguais possibilidades educativas, e o facto da miscegenação racial em nada prejudicar ou desvalorizar os mestiços que dela resultam, não tem modificado, se é que não tem agravado, este sentimento de repulsa.

A hostilidade ao evolucionismo e à psicanálise constituem outras tantas facetas curiosas, a revelar uma dupla repugnância, pela animalidade e pelo inconsciente.

Os estudos de psicologia animal, a título de conhecimento das manifestações mais simples e rudimentares do comportamento humano, tornaram-se aos olhos de muitos como um abuso de comparação. Considerando a infinita distância que nos separa dos animais, qualquer remota semelhança de psiquismo é julgada sem fundamentos sérios, e entendida como injuriosa fantasia.

O filósofo materialista, que é, ao fim e ao cabo, um espiritualista racionalista, não tem mais consideração pelo corpo do que o espiritualista metafísico ou religioso. Exactamente porque se pretende mais ligado à vida terrena, a frustração resulta maior. Observando o seu comportamento e reacções, também verificamos um ressentimento constante e sem esperança. A juventude é toda a sua obsessão, mas não passa dum engano ou miragem, porque ninguém se considera suficientemente jovem, belo e disponível. Daí a inveja dos outros corpos, mais belos, mais jovens e

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



mais disponíveis, ou o temor de perder algumas destas vantagens, naquelas que de algum modo as possuem. Tudo, ou quase tudo, esperando e apeteendo na realização duma vida de breve significado, é natural que as regras higiénicas de sobriedade que se justificam pela melhoria de condições de saúde e convivência social lhe pareçam apenas como obstáculos ou limitações. A pobreza dos meios de afirmação e a diminuição das forças que levam à morte constituem todo um condicionalismo de dependências não superadas. Não admira, pois, que o materialista viva a sua vida em oposição às leis do corpo, e sem a disciplina indispensável à sua plena afirmação. O uso abusivo da alimentação, do sexo, dos estupefacientes, dos soporíferos, dos tranquilizantes, das bebidas alcoólicas, etc., são outros tantos aspectos da oposição e ofensa ao corpo. Cada uma dessas violências é um desrespeito à sua fisiologia e valorização natural. A harmonia orgânica e espiritual sofre profundamente, no conjunto das suas potencialidades, e repercute-se na vida social, com as suas consequências mais graves.

Esta mesma aversão ao corpo é também facilmente observável na filosofia e na religião, o que demonstra bem o tipo de civilização que nós vivemos. Do Oriente à Grécia, e da Grécia ao Cristianismo, a forma dualista da reflexão é uma constante dificilmente discutível.

Dum modo geral, as várias escolas dos filósofos helénicos tinham como crença mais característica esta separação e oposição do corpo e do espírito.

Os Pitagóricos tinham o corpo como um túmulo, onde a alma estava enterrada. Platão, não obstante as suas proezas de atleta e campeão olímpico, comparava o corpo a um navio ou a um carro destinado a transportar a alma, ou, ainda a uma prisão, onde aquela espiava as faltas cometidas noutra existência. Platão afirmava, também, que à alma discorria muito melhor quando estava isolada em si própria e mandava passear o corpo, exactamente porque era este que a perturbava e a impedia de adquirir virtude... Também os Estóicos afirmavam o dualismo. Se Epítecto escreveu algumas passagens em que falava admiravelmente do corpo, não deixou, noutras ocasiões, de manifestar a sua antipatia, como, aliás, sucedeu com Marco Aurélio e Séneca.

O culto sexual, entre os gregos, e a afirmação da inferioridade do corpo, no momento de filosofar, fazem-nos lembrar as ideias maniqueístas da concessão libertária. Alguns autores falam-nos da existência de duas correntes no pensamento religioso do maniqueísmo oriental, em que a aversão pelo corpo se manifestava de maneiras diversas e opostas, quer pela repressão rigorosa das tendências da natureza, quer, ainda, e mais

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em... 26/7.../63

Prova n.º 76

Saída em 28/7/63



expressivamente, pela expansão desregrada e tumultuosa das inclinações do sexo. Mais que a primeira corrente, que defendia a repressão hostil e violenta do sexo, esta segunda posição revela uma desconsideração absoluta pelo corpo: este já não é um inimigo a vencer, mas uma solicitação inferior a satisfazer.

A homosexualidade característica dos tempos clássicos da Grécia, por exemplo, não poderá estranhar-se, quando se desconhece o dualismo do pensamento helénico. Abusando do corpo, em actos contra a natureza, o pensador grego, além do mais, cometia real e conscientemente, uma falta indiscutível de desrespeito pelo corpo. Através do vício, repetia-se a afirmação filosófica e orgulhosa da superioridade e magnificência do espírito.

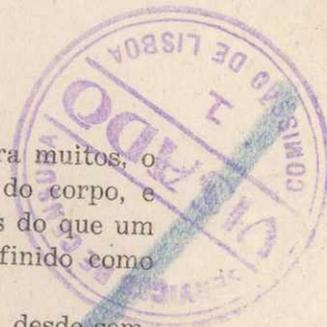
Como já dissemos atrás, o espiritualismo racionalista continua, ainda hoje, a identificar-se notavelmente com o materialismo filosófico, mas só aparentemente com o materialismo ingénuo. No espiritualismo racionalista, a satisfação genérica não se define como um acto natural de simples exigência fisiológica, mas realiza-se também como um acto de requintado sadismo de desprezo pelo próprio corpo a contentar, e pelo corpo alheio que o satisfaz. Acalma-se o corpo com o sentimento da concessão que repugna e rebaixa, e disfruta-se o prazer com a liberalidade indulgente de sossegar o animal que liga o espírito ao mundo e à matéria.

No próprio Cristianismo, e ao longo de toda a sua história, tem-se verificado a existência dum pensamento herético muito poderoso, que nega ao corpo a dignidade da criação e da encarnação divina.

Influenciadas pela filosofia grega e pelo maniqueísmo oriental, estas heresias logo surgiram nos primeiros séculos do Cristianismo, como foi o caso do Docetismo, que afirmava a convicção de Jesus Cristo apenas de aparência ter tomado a figura humana. O Gnosticismo, por sua vez, condenava a matéria e o corpo nela compreendido. O Montanismo revelava igual hostilidade, e o Maniqueísmo ia mais longe, ainda, porque via no corpo uma obra demoníaca. Com aspectos muito semelhantes, mas sob nomes diferentes, houve outros movimentos, como sucedeu, na Idade Média, com o Albigeísmo e o Catarismo. Os preconceitos clássicos da oposição da matéria e do espírito reapareceram nessas doutrinas, como também surgiram, posteriormente, com o Jansenismo, etc.

Embora rigorosamente condenadas pela Igreja, estas ideias têm subsistido tenazmente, e de tal modo que ainda hoje são convicções ou afirmações comuns, entre sacerdotes e fiéis. É muito frequente, por exemplo, entender-se ou subentender-se o pecado original como um pecado

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



do corpo, ou que no corpo teve uma repercussão maior. Para muitos, o pecado original teria sido um pecado do sexo, e portanto do corpo, e que só este poderia transmitir. A sexualidade não seria mais do que um acto pecaminoso de simples animalidade, e o corpo nele definido como a sede do pecado.

Não admira, pois, que as práticas do ascetismo tenham, desde sempre, revestido um aspecto quase exclusivamente dirigido aos castigos corporais. O ascetismo é, deste modo, a consequência dos idealismos e espiritualismos descarnados, porque repousa na «mortificação» das forças inferiores que formam e dominam a «carne», definindo esta no sentido mais estrito.

Sobre este melindroso assunto do desprezo do corpo com motivo na sexualidade, fala-nos o teólogo alemão Gustavo Siewerth (*L'homme et son corps*, ed. franc., p. 64, Paris, 1957): *A experiência da vida sexual, onde parece surgir uma força demoníaca que compromete a liberdade da pessoa, e o silêncio angustiado que rodeia esta espera da vida, a mais íntima de todas, o moralismo exagerado que pesa sobre ela, assim como os desvios que a afectam, tudo isto tem, sem dúvida, contribuído numa larga medida, para fazer nascer no povo cristão uma atitude sentimental que deprecia tudo o que toca o corpo.*

A repercussão do preconceito da sexualidade, como a expressão mais frane da imoralidade, tem tido um alcance tremendo, e consequências verdadeiramente nefastas. Um outro, e também muito conhecido teólogo alemão, Augusto Adam, escreveu, num livro extraordinário (*O Primado do Amor*, ed. port., p. 95, Porto, 1956): «Precisamente por apresentar-se como idealismo de singular prestígio, o espiritualismo unilateral devia ser considerado o mais perigoso de todos os descaminhos que ameaçam o pensamento cristão.» Calculando que cerca de 90% dos leigos identifica a «imoralidade» com os abusos do sexo, este sacerdote sublinha a extrema importância desta situação, em que os pecados contra a vida, o roubo, a calúnia, a deslealdade, a injustiça e o próprio desrespeito a Deus e à Sua autoridade são fortemente relegados para um plano secundário (p. 98 e 106).

Sem diminuir, como é óbvio, a importância da castidade, A. Adam lamenta os prejuízos para a formação espiritual que resultam dum pensamento dualista ou maniqueísta, permanente na história do Cristianismo. Este critério, imposto pela moral intelectualista, atribui ao corpo e à incastidade a perversidade mais indigna e a bestialidade mais repugnante. E todavia, nem o exemplo de Jesus, nem a verdadeira doutrina da Igreja confirmam ou justificam semelhantes julgamentos. Muito pelo

7

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



contrário. Todo o magistério doutrinal do Cristianismo demonstra cabalmente a falsidade duma pedagogia que apenas reflecte o ressentimento pelo corpo e subestima a lei superior do amor a Deus e ao próximo. Realmente, a falsa pedagogia que desconsidera o corpo e substitui a palavra divina e os princípios fundamentais do dogma e da moral, só pode causar a maior desordem e as piores consequências na vida espiritual.

S. Tomás, na disposição hierárquica das virtudes, coloca as teologias acima das intelectuais e das morais. Nas teologias a caridade é a maior, e, nas morais, a última é a temperança, que modera os instintos da alimentação e do sexo. (A. Adam, O Primado do Amor, p. 130, Porto, 1956). Num plano meramente objectivo, diz o autor referido, o caluniador, o rancoroso e o vingativo, por exemplo, são mais imorais que o incasto, e os pecados que este comete somente assumem relevante gravidade quando ofendem também a caridade (p. 177 e 178). S. Tomás declara expressamente, e com reiterada insistência, que os pecados da carne são menos graves que os do espírito, embora aqueles, no juízo dos homens, envolvam maior desonra (p. 178).

A aversão que o homem evidencia pelo seu corpo tem, efectivamente, uma gravidade muito particular e muito paradoxal nos hábitos dos cristãos.

Repare-se nestes factos verdadeiramente basilares: a encarnação constitui o acontecimento mais importante do Cristianismo, porque foi a encarnação que permitiu a mensagem divina da fraternidade; a maioria dos milagres de Cristo foram realizados no alívio dos corpos; o caso típico do amor ao próximo foi citado na parábola do homem ferido e abandonado num caminho; Jesus não condenou a adúltera apanhada em flagrante, embora a tivesse aconselhado a não pecar mais; depois da Sua morte, e durante 40 dias, continuou a viver entre os seus discípulos; a Sua ressurreição manter-se-á por toda a eternidade, segundo a forma corporal humana; o sacramento da eucaristia é o sacrificio perfeito e a doação verdadeira da realidade autêntica do Seu corpo, sangue, alma e divindade.

Todos estes factos, que estão na substância do próprio Cristianismo, constituem uma doutrina admirável, expressa no dogma, na teologia e na filosofia. E a crença da eternidade da vida, da ressurreição do corpo, era unidade total do ser, não é, realmente, a promessa mais aliciante oferecida ao homem?

Pergunta-se, portanto, porque razão muitos cristãos fazem da hostilidade ao corpo um motivo central de comportamento, em desacordo completo com os mandamentos estabelecidos na doutrina? Que justifi-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



cação se pode invocar para considerar o corpo como o inimigo da alma, a tentação do pecado, ou o próprio pecado, se o corpo vai subsistir para todo o sempre, na mais perfeita unidade com a alma? A que pretexto se parte do pressuposto dualista da inimizade radical do corpo e da alma, para a justificação confortável da agressão incómoda e simples àquele? A que título as diversas formas de castigo corporal são outros tantos motivos da exaltação, das potencialidades e virtudes da alma? Ou que razão haverá para invocar o ascetismo descarnado como um processo de purificação, quando não passa dum insulto ao corpo, que só o enfraquece e debilita?

Com justa observação, escreveu o jesuíta Jean Mouroua (Le seus chrétien de l'homme, p. 43, Paris, 1953) «que há poucos assuntos sobre os quais os homens se enganam tanto, e sobre os quais os próprios cristãos tenham mais necessidade de ser esclarecidos».

Se é uma falta grave, perante Deus, o desinteresse dos cuidados higiénicos que garantem a saúde e a vida, porque motivo o ascetismo nunca adoptou uma técnica dura de valorização desportiva do corpo, em vez das afrontas que lhe fazem dano? S. Paulo, afirmando que o corpo era o templo do Espírito Santo, e chamando a atenção dos seus contemporâneos para a ascética exigente dos atletas que se exibiam no estádio, não estava, já, de certo modo, a fundamentar esta concepção?

Perfeitamente oposta à ascese descarnada, ou de oposição ao corpo, temos, na realidade, a ascese desportiva, que é positiva de intenções e de acção. Nesta, o endurecimento e fadiga do corpo são encarados, exigidos e realizados, não como um castigo, mas como um processo de valorização e robustecimento. A dureza da preparação a que o desportista se sujeita não exprime qualquer sentimento de sacrifício e desprezo pessoal. As tremendas imposições de treino são procuradas como provas ou provações, a que alegremente se submete, para melhorar a sua condição física, e nunca para a diminuir ou enfraquecer.

Depois de cada uma das sessões de preparação, o desportista sente o bem estar que lhe dá a harmonia de todo o ser. A circulação do sangue, aumentada no seu ritmo, permite uma oxigenação mais perfeita da generalidade dos tecidos, e dela resulta a valorização total da pessoa. O bem estar é o de todo o organismo, isto é, de todo o organismo psicofisiológico que é o homem.

Efectivamente, não há qualquer violência ou atitude censurável no desportista por se preparar para uma competição. A regra de treino será tanto mais exigente quanto maiores forem as possibilidades pessoais do praticante e as suas pretensões de classificação, mas nunca podem ultra-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

9



passar os limites que definem a melhor forma possível.

As abstinências habituais adoptadas pelo desportista identificam-no, em muitos aspectos, com o asceta do espiritualismo. Quer dizer: há uma posição semelhante, no desacordo com os vícios desde sempre correntes no materialismo egoísta da abusiva e nefasta satisfação de necessidades. A diferença que os separa reside no sinal da sua utilização, que é fisicamente positivo, no primeiro.

O heróico esforço de vontade, comumente solicitado aos atletas nas suas competições — para ganhar um título de campeonato ou simplesmente concluir uma prova determinada — realiza-se num plano de acção que é bem superior ao da mesquinhez do asceta do espiritualista descarnado, que se rebaixa fisicamente, só para se elevar e enlevar no seu masoqueísmo sadista.

Já vimos que, mais do que em qualquer outro aspecto físico, o asceta marca a sua repugnância pelo sexo. O acto sexual é a animalidade pura, a degradação autêntica, a maior das faltas. A castidade é, assim, o acto mais digno, a luta mais difícil e valiosa da repressão individual, a vitória mais gloriosamente arrancada às solicitações inferiores do corpo.

O desportista, esse, considera a castidade como um processo indispensável à melhoria e perfeição da condição física. A abstinência, para ele, não representa um rebaixamento ou enfraquecimento do corpo, mas, pelo contrário, constitui um meio favorável à manutenção e aperfeiçoamento da forma atlética. Embora, dum modo geral, o homem do desporto limite a castidade a certos períodos da actividade de competição, não deixa de ser particularmente sintomática e bastante curiosa esta oposição de atitudes com o espiritualismo descarnado.

Semelhantemente, o desportista priva-se dos prazeres da mesa, resumindo a sua alimentação a ementas simples, das quais exclui, por completo, as bebidas alcoólicas. Também por motivos higiénicos idênticos, não deve fumar. E se come e dorme acima da média, fá-lo por motivo do maior desgaste sofrido, e para a necessária recuperação. Para ter sempre o seu corpo na maior disponibilidade e eficiência.

Que o desportista alcance facilmente a castidade, é observação insuportável do asceta, que afirma sem valor moral o naturalíssimo simplista da mera abstenção...

Na realidade, o que sucede é que o enfraquecimento do corpo torna este mais sensível ao sexo. As pessoas fisicamente debilitadas, por exiguidade ou excesso de alimentação, ou ainda as que sofrem de certas doenças, como a tuberculose, constituem exemplos frisantes desta asserção.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

10



Desrespeitando-se com jejuns, cilícios e vigílias prejudiciais, e fazendo actividade física, se o faz, apenas com a preocupação negativa de «cansar a besta», o asceta exacerba ao máximo o que, aliás, nunca pretendeu evitar, para a maior glória e purificação da alma.

É bem verdade que, na generalidade dos casos, o homem que pratica o desporto de campeonato não o faz com o esclarecimento necessário, e apenas prepara o seu corpo como um simples instrumento, para marcar uma superioridade vaidosa sobre os outros concorrentes ou adversários. Mas se tal sucede, e com tanta frequência, é porque o próprio desportista se ressentido do preconceito hierárquico da oposição e luta dos princípios que perturbam a vida humana. A solidariedade somatopsíquica e a solidariedade social, como expressões que são da mesma existência, podem ser desconhecidas, ou apenas pressentidas, e mal realizadas. Em tal circunstância, o desporto é uma simples competência de corpos, no sentido pejorativo que revelam o seu ressentimento. Quer dizer: esta forma de actividade é tão negativa ou limitada como a de sinal contrário, expressa no espiritualismo descarnado. O atleta que perde a competição acaba por desprezar o seu corpo, que sente indigno e inferiorizado, e despreza o corpo alheio e vencedor, pela humilhação que este lhe impõe.

O desporto movimenta e mobiliza o homem inteiro. Porque se realiza em actividade acelerada, todas as manifestações somatopsíquicas se revelam a um grau de intensidade muito mais rápido, visível e expressivo. Com o aumento das pulsações cardíacas, tudo se torna, simultaneamente, de mais fácil observação, e de mais fácil actuação educativa. Os praticantes mostram-se mais humanamente verdadeiros, e mais facilmente influenciáveis, por isso mesmo. Como acabam por se revelar, igualmente, e como consequência, mais aptos ao trabalho intelectual. É que tudo é uno e inseparável, no homem.

Desde 1950 que as extraordinárias experiências de Vanves, promovidas pelo Ministério da Educação Nacional da França, tem comprovado o que há muito é já do conhecimento da ciência pedagógica. Conhecimento, aliás, que a ciência pedagógica nunca poderá aproveitar, enquanto houver um ressentimento do corpo e um primado do espírito que não seja o da caridade e fraternidade do homem, na realização unitária de tudo o que é humano, em todas as afirmações e implicações criadoras ou existenciais.

JOSÉ ESTEVES

11  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

H



PAULO VI

**P**ERMITIU o pontificado de João XXIII, e o extraordinário prestígio que este tão justificadamente alcançou, que a eleição de Paulo VI fosse acompanhada não só pelos milhões de católicos de todo o mundo, mas por muitos, não-católicos e até não-cristãos, que à vida da Igreja dedicam hoje uma atenção que ainda há bem poucos anos estava longe de ser possível. Pode-se afirmar que a escolha feita não decepcionou nenhuma das últimas categorias de homens mencionados, já que, para a primeira, — os católicos — seria descabido falar de decepção a propósito da escolha dum Papa.

Foi assim, ~~com alegria~~, que os homens de boa vontade de todo o mundo souberam que tinha sido eleito o Cardeal Montini, que havia sido Pró-Secretário de Estado no pontificado de Pio XII e Arcebispo de Milão desde 1954, e que, de há muito, ocupava um lugar particularíssimo entre os cardeais da Igreja, pelo seu alto valor intelectual e singular abertura aos valores do nosso tempo.

Mais do que classificações apressadas e sensacionalistas, políticas ou outras, que a imprensa diária largamente utilizou, interessa-nos relevar aqui a apaixonada fé que Paulo VI sempre evidenciou, bem como a sua funda adesão às grandes directrizes do pontificado de João XXIII: renovação e reforma da Igreja, abertura aos cristãos separados e a todos os homens, mesmo os aparentemente mais distantes, e incessante luta por uma Paz que segundo as suas próprias palavras «é algo que temos que construir e que temos que criar».

Estes três pontos têm sido, aliás, os mais insistentemente focados pelo novo Pontífice, desde a sua primeira mensagem ao mundo, logo após a eleição.

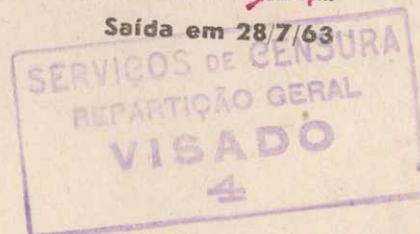
«Não faltam sinais encorajadores que nos vêm dos homens da boa-vontade, agradecemos-los ao Senhor, e oferecemos a todos a nossa serena mas firme colaboração para que se mantenha no mundo o grande dom da Paz, disse Paulo VI nessa ocasião, e a 21 de Julho, depois das audiências concedidas a Kennedy e U Thant salientou ainda: «Há sintomas que nos permitem ver no horizonte do mundo uma maior serenidade e uma maior esperança.

Profundo conhecedor dos problemas que nos nossos dias se põem à Igreja — não esqueçamos que foi colaborador directo de Pio XII e Arcebispo da mais importante e descristianizada diocese italiana — Paulo VI demonstrou sempre uma visão lúcida e sumamente confiante nas possibilidades que actualmente se oferecem à humanidade. Como o seu antecessor não hesitou em afirmar que o mundo moderno contém mais promessas e aspectos positivos que erros e aspectos negativos, como o

1  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
GORTES

segue

Shi



*seu antecessor não hesitou em declarar que a Igreja estava com este nosso e moderno mundo. Aquele que afirmou ao chegar a Milão que ia procurar defender os trabalhadores, ser o bispo dos trabalhadores sabe também que a Igreja ultrapassou a era constantiniana e que, como ele próprio declarou «há que distinguir entre o que no Cristianismo é firme, e eterno... e o que nele se está movendo para uma expressão nova e superior que corresponde melhor ao seu fim, e que consiste em salvar o homem, regenerando-o interior e socialmente».*

2

\*  
\*   \*  
\*

*Falámos atrás da continuidade que Paulo VI prometeu dar à obra de João XXIII. Mais do que promessas falam já os actos: convocação da segunda fase de trabalhos do Concílio Ecuménico para 29 de Setembro próximo, declarações, audiências, exteriorizações várias que são outros tantos sinais promissores e outras tantas garantias de que, como alguns temiam e outros desejavam, o pensamento de João XXIII não morreu com aquele Papa.*

*Por isso em Paulo VI esperam confiadamente — e os exemplos multiplicam-se — os homens de boa-vontade. O bispo que soube tomar tantas e tão corajosas iniciativas, o doutrinador atento e seguro, o adepto fervoroso daquele «humanismo integral» de que fala Maritain, cujas obras, aliás, traduziu para italiano, Paulo VI, está sem dúvida — e aquele que crê no Espírito Santo, disso pode duvidar — à altura da missão que em tão decisiva época lhe foi confiada.*

*Resta-nos esperar confiadamente, sem pretensões de forjar um Papa à nossa medida, mas desejando-o apenas fiel ao Espírito de Cristo, para que esteja, forçosamente, ao serviço dos homens.*

*Fiel àquelas belíssimas palavras que, em Roma, em Outubro de 1957, dirigiu aos católicos de todo o mundo, aí reunidos, «O génio do apostolado está em saber amar. Este há-de ser o nosso programa. Amar os que nos são próximos e os que nos são distantes; amar a nossa pátria e as outras nações; amar os nossos inimigos; amar os católicos; amar os cismáticos, os protestantes, os anglicanos, os indiferentes, os mussulmanos, os pagões, os ateus; amar todas as classes sociais, mas dum modo especial os mais necessitados; amar os adversários, amar o nosso tempo, a nossa civilização, a nossa técnica, a nossa arte, o desporto, o mundo de hoje. Amar, procurando compreender-nos uns aos outros, sofrer juntos, servirmo-nos, lutarmos, todos, unidos.»*

Provas remetidas à Censura

em 27/8.../63

Prova n.º 139

Saída em 28/7/63

O MÉDICO E O MONSTRO

O suicídio de Stephen Ward lançou alguma inquietação em certas consciências. Até ali, vivera muito público na fácil comodidade da ficção: é sempre fascinante encontrar, em carne e osso, uma figura mitológica da nossa infância literária. *Paris-Match* o compreendeu, ao titular: «*Le Satanique Dr. Ward.*»

Ao suicidar-se, deixando escrito que não podia mais suportar «o horror daquilo tudo, no tribunal e nas ruas», Ward lembrou às pessoas que era também uma pessoa. E logo a seguir muitos olharam para esse caso com maior serenidade, e ficaram a pesar a probabilidade da queixa principal de Ward: a de que fora sátiro expiatório.

Porque ele nunca disfarçou os pés de unha rachada que, tradicional e pictoricamente, cabem aos machos humanos foliões. Negou, sim, que fosse proxeneta, e quem leu atentamente as reportagens do julgamento fica com fortes dúvidas acerca dessa acusação dada como provada. Enfim, se não nos cabe louvar Ward por viver como viveu, devemos nele reconhecer o mérito de não ter ostentado falsa virtude doméstica.

Mas a facilidade com que o agarraram, amarraram e colocaram no altar do sacrifício mostrou a toda a gente a veracidade da afirmação do jogador profissional Joe Wade: «Ward era simplesmente um homem que se divertia.» Não havia nele a felina prudência do mundano que se escuda, que faz chantagens, que sabe exercer pressões. Perceberam isso todos quantos souberam interpretar a visível confusão com que o homem viu a boa-vai-ela a que se acostumara ser substituída pela mal-vai-ela-acabar.

Em pânico, saltou pela janela do comboio *pullman* onde estofos, *drinks* e conversas agradáveis ocultavam a implacável brutalidade de que os poderosos muitas vezes lançam mão em casos de emergência. Nessas situações, é aplicável o nosso aforismo *quem tem unhas é que toca guitarra*, num sentido mais hípico do que musical: um escândalo público é como um *rodeo*, e são os que sabem cavalgar o público que não vão ao chão.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 27/8...../63

Prova n.º 042

Saída em 28/7/63



«OS CENTURIÕES E A NAÇÃO»

Com este título e uma epígrafe retirada do último discurso do Sr. Presidente do Conselho, surgiu no País um panfleto em que se fazem aos destinatários ameaças de morte. Assinada «Os Centuriões», é supostamente porta-voz de cem militares regressados das campanhas de África que se propoem recorrer a meios violentos contra todos quantos entendam ser «traidores à nação».

É óbvio que tal papel não passa de mais uma modalidade da carta anónima, o eterno passatempo dos covardes ociosos. Mas porque constitui um atentado à idoneidade dos militares portugueses acabados de regressar à Metrópole, parece-nos de utilidade pública denunciar esse pequeno acesso de frenesim *remeotipado*.

N. B.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO